

Ex-marido ouvido em tribunal

José Kipanda, ex-marido da apresentadora da TPA, foi ouvido durante quatro horas no Tribunal de Viana, na condição de declarante. A audição foi marcada por contradições e acusações à família da malograda. **p. 18**



Reabilitação sem fim à vista

As obras de reabilitação do campo Mário Santiago, anunciadas em Junho de 2016 pela fundação Eduardo dos Santos (FESA), estão por concluir, dois anos depois. Durante essa fase, a vizinhança transformou o piso do jogo em depósito de lixo. **p. 31**



LUANDA

JORNAL METROPOLITANO DA CAPITAL ANGOLANA

29 de Outubro de 2018 • Ano 1 • Número 36 •

Publicação quinzenal, à segunda-feira

Preço: 100Kz

FALTA DE VAGAS

ADOLESCENTES "EMPURRADOS" PARA O ENSINO NOCTURNO

Salas de aula vazias, falhas recorrentes de energia eléctrica, alunos entregues ao consumo de álcool em roulettes junto às escolas, enquanto outros decidem regressar cedo a casa com receio de cair nas mãos dos criminosos. Este é o cenário constatado durante a recente ronda nocturna em diferentes escolas do primeiro e segundo ciclos do ensino. **p. 6-7**

FLÁVIO FERRÃO

UMA VIDA DEDICADA AO TEATRO

Flávio Ferrão é um amante confesso das artes cénicas. Encenador e ao mesmo actor, iniciou a carreira com participação em peças de teatro no longínquo ano de 1997. Dessa época, tem presente as actuações no grupo teatral "LAAI ROI", então com a direcção artística do encenador Carlos Araújo. "Cheguei a participar em duas peças: 'Um outro tipo de violência' e 'Loanda a Luanda eleições autárquicas'". **p. 27**

NO KILAMBA

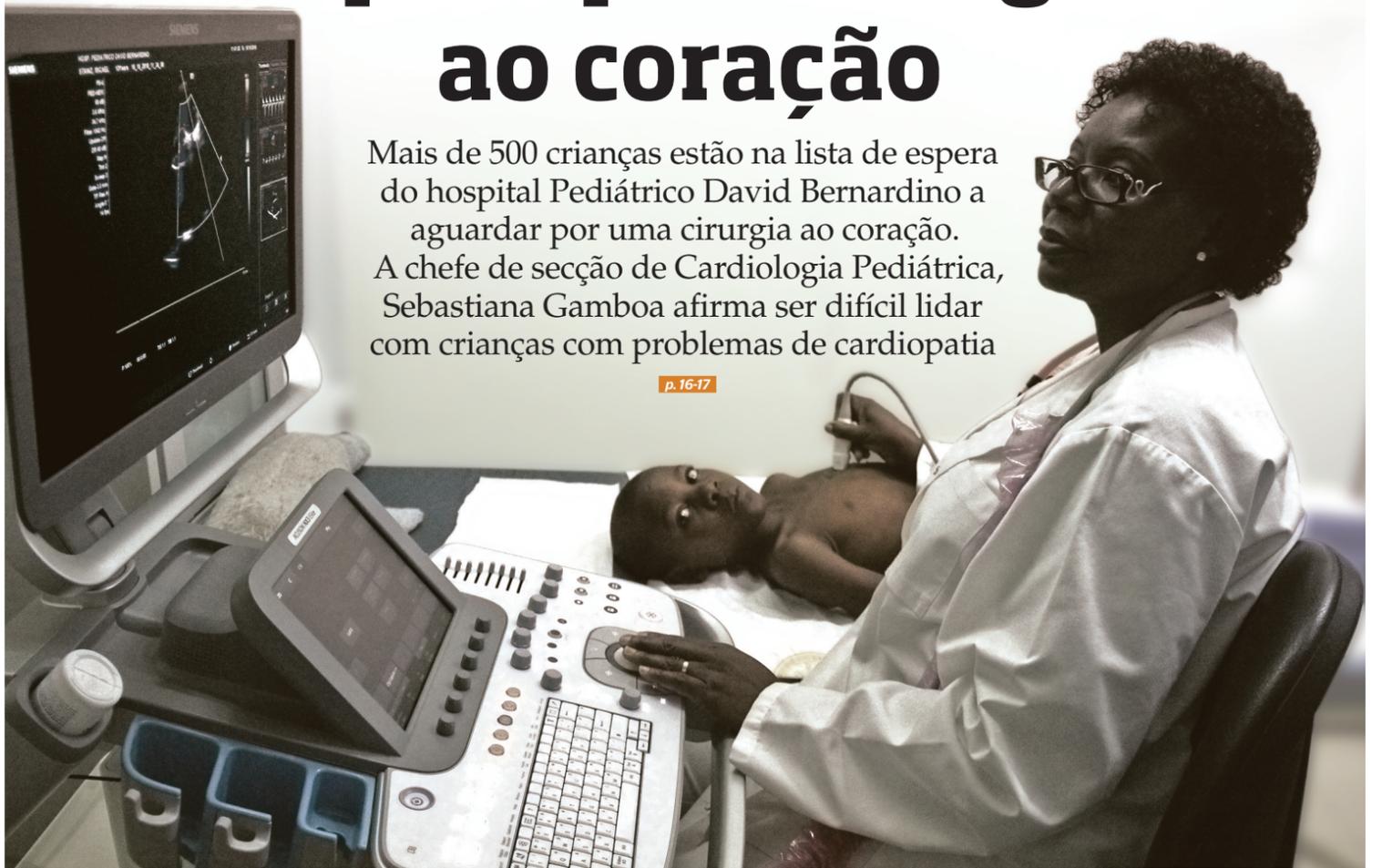
"POVOADO" SANTO ANTÓNIO É O CENTRO DE DIVERSÃO

Nas imediações da Cidade do Kilamba e do KK 5000 existe um bairro a que deram o nome de Santo António. À primeira vista, o nome pode ser desconhecido para muitos. Mas quando se fala em "Povoado", os amantes dos prazeres que a vida nocturna de Luanda oferece já sabem do que se trata. **p. 22-23**

HOSPITAL PEDIÁTRICO DAVID BERNARDINO

O drama de quem espera por cirurgia ao coração

Mais de 500 crianças estão na lista de espera do hospital Pediátrico David Bernardino a aguardar por uma cirurgia ao coração. A chefe de secção de Cardiologia Pediátrica, Sebastiana Gamboa afirma ser difícil lidar com crianças com problemas de cardiopatia **p. 16-17**



CEMITÉRIOS CLANDESTINOS

MORADORES EXIGEM A EXUMAÇÃO DOS CADÁVERES

As pessoas que ocuparam terrenos de antigos cemitérios clandestinos para construir as suas residências exigem a exumação urgente dos cadáveres. Nos antigos campos santo dos bairros Chinguar, Buraco, Ramiros e Mulenvos de Baixo, os moradores convivem com túmulos abertos e ossos humanos expostos ao ar livre. O chefe dos Serviços dos Cemitérios de Luanda, Filipe Mahapi, garantiu, sem avançar data, o reinício do processo de exumação e a construção de quatro cemitérios em Luanda. **p. 10-11**



NOTA DO DIA



CRISTINA DA SILVA
Directora Executiva

HUMANIZAÇÃO SOCIAL

Quando se fala em humanização, pensa-se logo no médico, no enfermeiro ou apenas nos hospitais. Esquecemos que, enquanto parte da sociedade, também precisamos de ser mais humanos.

O recente desabafo do radialista Paulo Miranda Júnior, actualmente doente, traz à discussão a questão da falta de humanização na sociedade.

Num extenso texto nas redes sociais, ele queixa-se do facto das pessoas estarem mais preocupados com o dia em que vai voltar ao trabalho do que com o seu estado de saúde.

O radialista revela ter estado à beira da morte, por conta de "gripes mal curadas e recorrentes". Como resultado, tem os dois "pulmões comprometidos". Lamenta que "ainda não ouviu ninguém a querer saber se preciso de alguma coisa", mas sim quando volta às emissões do "Kiandando".

O seu desabafo espelha bem a realidade em que estamos mergulhados, onde contamos com todos, mas não esperamos nada de ninguém. Quantas vezes notámos a ausência de um colega ou amigo e simplesmente ignorámos.

Muitas vezes, resolvemos apenas comentar de forma negativa ou cobrar, sem nos preocuparmos com o estado de saúde da pessoa. Embora façamos alguma coisa sem esperar algo em troca, pensamos sempre que, no final, teremos sempre aquela pessoa ao nosso lado.

Paulo Miranda Júnior, como profissional, contribuiu para a Rádio Luanda estar no topo das audiências na capital, muitas vezes em detrimento da sua família. Com a sua voz ajudou a moldar a nossa sociedade. Por isso, merece toda a nossa admiração, consideração, respeito e solidariedade. Rápidas melhoras, companheiro!

Luandando



DOMINGOS DOS SANTOS
Editor

RESGATAR A AUTORIDADE

Eu, enquanto cidadão, tenho respeito e consideração pela Polícia Nacional. Tenho tios, primos e muitos amigos na Corporação. Acho que os agentes da Polícia Nacional, pelo risco que correm para a manutenção da ordem, tranquilidade pública e combate à criminalidade, deviam ser melhor remunerados. Mas há algo que me deixa muito triste nos agentes da Polícia Nacional, em Luanda. A falta ou o mau exercício da autoridade. Autoridade é sinónimo de poder e quando bem exercido a sociedade sai a ganhar. Quem anda por Luanda, facilmente nota a convivência dos agentes com actos que perturbam a ordem pública. É incompreensível que, em muitas zonas de Luanda, o caos provocado pelos vendedores ambulantes e, principalmente, pelos taxistas, esteja instalado mesmo diante de esquadras de polícia. Um exemplo disso é o triste cenário vivido, todos os dias, nas pedonais de Viana e Grafanil Bar, bem nas "barbas" da Polícia, que nada faz para acabar com a desordem. Efectivo da Corporação, por causa de mil Kwanzas, permite ao taxista parar de qualquer maneira na via pública, provocando engarrafamentos e outros constrangimentos a terceiros. O polícia quando devia estar visível para inibir a violação do Código de Estrada ou o cometimento de um crime, esconde-se para depois surpreender o prevaricador e exigir dele a "gasosa" para poder soltá-lo. Por causa disso, muitos cidadãos, em Luanda, perderam o respeito e a confiança na Corporação. Já ouvi pessoas afirmar que se sentiam mais seguras diante de pessoas estranhas do que de um agente da ordem. O agente da polícia dificilmente sabe prestar qualquer informação ao cidadão sobre uma determinada rua ou instituição, quando necessário. Enfim, são muitos maus exemplos que mancham o bom nome da Corporação. É bom reconhecer que, no meio de tanta podridão, existem polícias que tentam dar alguma dignidade a Corporação, com bons exemplos no exercício das suas funções. Em Novembro, inicia a operação "resgate", que visa incutir boas práticas no seio da sociedade e combater todos aqueles que persistem em actos que ponham em causa a boa convivência. E foi bom ouvir o comandante-geral da Polícia Nacional, Paulo de Almeida, defender o resgate, primeiro, da Corporação das más práticas que tiram a autoridade aos agentes da ordem. Paulo de Almeida frisou que para a Polícia Nacional "colocar ordem, deve estar na ordem, e se quiser disciplinar, tem que ser disciplinada". Bem dito! Os efectivos da Polícia Nacional devem primar por uma conduta exemplar e ajudar o cidadão sempre que necessário, no sentido de resgatar a confiança da sociedade. É chegada a hora da Polícia Nacional fazer valer a sua "autoridade", sem exageros, por algo mais que a imposição da força, na medida em que o respeito não se obtém por via de coerção.

Postal da Cidade

Escreva-nos por e-mail para: jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Município do Cazenga
COMERCIALIZAÇÃO DA ÁGUA

Diariamente, são várias as famílias que a todo custo tentam procurar formas de superar a falta de água potável canalizada, um serviço inexistente em muitos bairros da cidade capital. Enquanto isso, há quem faça da falta de água um ne-

gócio rentável, dedicando-se à comercialização porta à porta em bidons amarelos de 25 litros, transportados em motorizadas de três rodas. Esta flagrante foto que trazemos ilustra bem a situação. Livremente, os dois percorrem a Avenida dos Comandos, nas proximidades da Administração do Cazenga.

A palavra ao leitor



Crianças de rua

É lamentável o número de crianças que vive nas ruas de Luanda. Por exemplo, a passagem aérea junto a paragem de táxis próxima ao Aeroporto 4 de Fevereiro foi transformada em dormitório. Está difícil circular naquela zona devido às crianças que lá dormem. Para agravar, são as cabeleireiras que sentam no corrimão a espera de clientes e os vendedores ambulantes que montam bancadas logo à entrada deste equipamento social. No mesmo local, verifiquei duas crianças a exibir papelões com a seguinte frase: "Amigo, amiga me ajuda, estou com fome. Deus é amor". Deixo aqui o meu apelo as autoridades competentes para solucionar este problema.

Joana Paz
Cassenda

Livres do mercado

No final de semana passei pela zona do mercado dos Congolenses e gostei de ver o empenho da polícia e dos agentes dos serviços de fiscalização. Apesar de alguma resistência por parte das vendedoras ambulantes, estes efectivos não estão a dar trégua às senhoras. A polícia, assim como os fiscais, está espalhada em todos os cantos e acompanhada de cães de diferentes raças. Pela primeira vez, pude ver passeios, estradas e ruas livres do mercado a céu aberto, até os taxistas tiveram que organizar devidamente as paragens, enquanto as viaturas e os peões circulavam à vontade. Para finalizar peço a administração local para trabalhar afinadamente, de modo a por fim a venda de produtos em locais impróprios e que sejam criadas medidas severas para punir os infractores.

Manuela Bandeira
Ingombota

Cobrança ilegal

A maioria dos taxistas, vulgo "candogueiros" que fazem a rota Cuca/mercado dos Kwanzas e vice-versa, são obrigados a pagar 200 kwanzas aos polícias escalados para trabalhar naquela zona. Sou taxista há cinco anos e sempre que faço esta rota sou obrigado a deixar 200 kwanzas na mão dos agentes. Se não o fizer, arrisco-me a ser penalizado.

João Ventura
Nocal

LUANDA

Directora Executiva: Cristina da Silva

Editores: Rosalina Mateta e Domingos dos Santos

Sub-Editores: António Pimenta e Adalberto Ceita

Secretária de Redacção: Maria da Gama

Jornalistas: Arcângela Rodrigues, Fula Martins, Helma Reis, João Pedro, Mazarino da Cunha, Manuela Mateus e Nilza Massango

Fotógrafos: Francisco Bernardo, Rogério Tuti, Contreiras Pipa, Domingos Cadência, João Gomes, M. Machangongo e Kindala Manuel

Departamento de Paginação

Irineu Caldeira (Chefe), Adilson Santos (Chefe-adjunto), Adilson Félix, Waldemar Jorge & Jorge de Sousa

Ilustração: Armando Pululo & Edna Mussalo

Morada: Rua Rainha Jíngá 12/26. Caixa Postal: 13 12

Telefone: 222 02 01 74/222 33 33 44 **Fax:** 222 33 60 73

Mail: jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Publicidade: (+244) 926 40 69 29/923 40 27 00 **EMAIL:** antonio.goncalves@edicoesnovembro.co.ao

EDIÇÕES NOVEMBRO
REVISTA DE NOTÍCIAS E OPINIÃO

Presidente do Conselho de Administração: Vítor Silva

Administradores Executivos: Caetano Pedro da Conceição Júnior, José Alberto Domingos, Carlos Alberto da Costa Faro Molares D'Abri, Mateus Francisco João dos Santos Júnior

Administradores não Executivos: Olímpio de Sousa e Silva, Catarina Vieira Dias da Cunha

NOTA DO DIA



CRISTINA DA SILVA
Directora Executiva

HUMANIZAÇÃO SOCIAL

Quando se fala em humanização, pensa-se logo no médico, no enfermeiro ou apenas nos hospitais. Esquecemos que, enquanto parte da sociedade, também precisamos de ser mais humanos.

O recente desabafo do radialista Paulo Miranda Júnior, actualmente doente, traz à discussão a questão da falta de humanização na sociedade.

Num extenso texto nas redes sociais, ele queixa-se do facto das pessoas estarem mais preocupados com o dia em que vai voltar ao trabalho do que com o seu estado de saúde.

O radialista revela ter estado à beira da morte, por conta de "gripes mal curadas e recorrentes". Como resultado, tem os dois "pulmões comprometidos". Lamenta que "ainda não ouviu ninguém a querer saber se preciso de alguma coisa", mas sim quando volta às emissões do "Kiandando".

O seu desabafo espelha bem a realidade em que estamos mergulhados, onde contamos com todos, mas não esperamos nada de ninguém. Quantas vezes notámos a ausência de um colega ou amigo e simplesmente ignorámos.

Muitas vezes, resolvemos apenas comentar de forma negativa ou cobrar, sem nos preocuparmos com o estado de saúde da pessoa. Embora façamos alguma coisa sem esperar algo em troca, pensamos sempre que, no final, teremos sempre aquela pessoa ao nosso lado.

Paulo Miranda Júnior, como profissional, contribuiu para a Rádio Luanda estar no topo das audiências na capital, muitas vezes em detrimento da sua família. Com a sua voz ajudou a moldar a nossa sociedade. Por isso, merece toda a nossa admiração, consideração, respeito e solidariedade. Rápidas melhoras, companheiro!

Luandando



DOMINGOS DOS SANTOS
Editor

RESGATAR A AUTORIDADE

Eu, enquanto cidadão, nutro simpatia pela Polícia Nacional. Tenho tios, primos e muitos amigos na Corporação. Acho que os agentes da Polícia Nacional, pelo risco que correm para a manutenção da ordem, tranquilidade pública e combate à criminalidade, deviam ser melhor remunerados. Mas há algo que me deixa muito triste nos agentes da Polícia Nacional, em Luanda. A falta ou o mau exercício da autoridade. Autoridade é sinónimo de poder e quando bem exercido a sociedade sai a ganhar. Quem anda por Luanda, facilmente nota a convivência dos agentes com actos que perturbam a ordem pública. É incompreensível que, em muitas zonas de Luanda, o caos provocado pelos vendedores ambulantes e, principalmente, pelos taxistas, esteja instalado mesmo diante de esquadras de polícia. um exemplo disso é o triste cenário vivido, todos os dias, nas pedonais de Viana e Grafanil Bar, bem nas "barbas" da Polícia, que nada faz para acabar com a desordem. Efectivo da Corporação, por causa de mil Kwanzas, permite ao taxista parar de qualquer maneira na via pública, provocando engarrafamentos e outros constrangimentos a terceiros. O polícia quando devia estar visível para inibir a violação do Código de Estrada ou o cometimento de um crime, esconde-se para depois surpreender o prevaricador e exigir dele a "gasosa" para poder soltá-lo. Por causa disso, muitos cidadãos, em Luanda, perderam o respeito e a confiança na Corporação. Já ouvi pessoas afirmar que se sentiam mais seguras diante de pessoas estranhas do que de um agente da ordem. O agente da polícia dificilmente sabe prestar qualquer informação ao cidadão sobre uma determinada rua ou instituição, quando necessário. Enfim, são muitos maus exemplos que mancham o bom nome da Corporação. É bom reconhecer que, no meio de tanta podridão, existem polícias que tentam dar alguma dignidade a Corporação, com bons exemplos no exercício das suas funções. Em Novembro, inicia a operação "resgate", que visa incutir boas práticas no seio da sociedade e combater todos aqueles que persistem em actos que ponham em causa a boa convivência. E foi bom ouvir o comandante-geral da Polícia Nacional, Paulo de Almeida, defender o resgate, primeiro, da Corporação das más práticas que tiram a autoridade aos agentes da ordem. Paulo de Almeida frisou que para a Polícia Nacional "colocar ordem, deve estar na ordem, e se quiser disciplinar, tem que ser disciplinada". Bem dito! Os efectivos da Polícia Nacional devem primar por uma conduta exemplar e ajudar o cidadão sempre que necessário, no sentido de resgatar a confiança da sociedade. É chegada a hora da Polícia Nacional fazer valer a sua "autoridade", sem exageros, por algo mais que a imposição da força, na medida em que o respeito não se obtém por via de coerção.

Postal da Cidade

Escreva-nos por e-mail para: jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Município do Cazenga
COMERCIALIZAÇÃO DA ÁGUA

Diariamente, são várias as famílias que a todo custo tentam procurar formas de superar a falta de água potável canalizada, um serviço inexistente em muitos bairros da cidade capital. Enquanto isso, há quem faça da falta de água um ne-

gócio rentável, dedicando-se à comercialização porta à porta em bidons amarelos de 25 litros, transportados em motorizadas de três rodas. Esta flagrante foto que trazemos ilustra bem a situação. Livremente, os dois percorrem a Avenida dos Comandos, nas proximidades da Administração do Cazenga.

A palavra ao leitor



Livres do mercado

No final de semana passei pela zona do mercado dos Congolenses e gostei de ver o empenho da polícia e dos agentes dos serviços de fiscalização. Apesar de alguma resistência por parte das vendedoras ambulantes, estes efectivos não estão a dar trégua as senhoras. A polícia, assim como os fiscais, está espalhada em todos os cantos e acompanhada de cães de diferentes raças. Pela primeira vez, pude ver passeios, estradas e ruas livres do mercado a céu aberto, até os taxistas tiveram que organizar devidamente as paragens, enquanto as viaturas e os peões circulavam à vontade. Para finalizar peço a administração local para trabalhar afinadamente, de modo a por fim a venda de produtos em locais impróprios e que sejam criadas medidas severas para punir os infractores.

Manuela Bandeira
Ingombota

Crianças de rua

É lamentável o número de crianças que vive nas ruas de Luanda. Por exemplo, a passagem aérea junto a paragem de táxis próxima ao Aeroporto 4 de Fevereiro foi transformada em dormitório. Está difícil circular naquela zona devido às crianças que lá dormem. Para agravar, são as cabeleireiras que sentam no corrimão a espera de clientes e os vendedores ambulantes que montam bancadas logo à entrada deste equipamento social. No mesmo local, verifiquei duas crianças a exhibir papelões com a seguinte frase: "Amigo, amiga me ajuda, estou com fome. Deus é amor". Deixo aqui o meu apelo as autoridades competentes para solucionar este problema.

Joana Paz
Cassenda

Cobrança ilegal

A maioria dos taxistas, vulgo "candogueiros" que fazem a rota Cuca/mercado dos Kwanzas e vice-versa, são obrigados a pagar 200 kwanzas aos polícias escalados para trabalhar naquela zona. Sou taxista há cinco anos e sempre que faço esta rota sou obrigado a deixar 200 kwanzas na mão dos agentes. Se não o fizer, arrisco-me a ser penalizado.

João Ventura
Nocal

LUANDA

Directora Executiva: Cristina da Silva

Editores: Rosalina Mateta e Domingos dos Santos

Sub-Editores: António Pimenta e Adalberto Ceita

Secretária de Redacção: Maria da Gama

Jornalistas: Arcângela Rodrigues, Fula Martins, Helma Reis, João Pedro, Mazarino da Cunha, Manuela Mateus e Nilza Massango

Fotógrafos: Francisco Bernardo, Rogério Tuti, Contreiras Pipa, Domingos Cadência, João Gomes, M. Machangongo e Kindala Manuel

Departamento de Paginação

Irineu Caldeira (Chefe), Adilson Santos (Chefe-adjunto), Adilson Félix, Waldemar Jorge & Jorge de Sousa

Ilustração: Armando Pululo & Edna Mussalo

Morada: Rua Rainha Jíngá 12/26, Caixa Postal: 13 12

Telefone: 222 02 01 74/222 33 33 44 **Fax:** 222 33 60 73

Mail: jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Publicidade: (+244) 926 40 69 29/923 40 27 00 **EMAIL:** antonio.goncalves@edicoesnovembro.co.ao

EDIÇÕES NOVEMBRO
REVISTA DE ANÁLISE CRÍTICA DOS ESPORTES

Presidente do Conselho de Administração: Vítor Silva

Administradores Executivos:
Caetano Pedro da Conceição Júnior,
José Alberto Domingos, Carlos Alberto da Costa Faro Molares D'Abriol,
Mateus Francisco João dos Santos Júnior

Administradores não Executivos:
Olimpio de Sousa e Silva, Catarina Vieira Dias da Cunha

**ANTONICA JOSÉ
AJUDA DE VIZINHOS
E FAMILIARES**

“Eu vendia na praça, mas devido a uma infecção pulmonar, tive que parar. Não consigo fazer nada. Recebo ajuda de vizinhos e familiares. Até os medicamentos são doados. Tenho sete filhos e nenhum deles trabalha”.



**MANUEL NHANGA
DINHEIRO DA REFORMA
NÃO CHEGA PARA AS DESPESAS**

“Todos os meses vivo o mesmo dilema: comprar comida para casa ou pagar o consumo de energia eléctrica e água potável? “Vou falar verdade. Só faço duas refeições, de manhã e de noite, porque nem sempre temos o que comer. O dinheiro da reforma não chega para todas as despesas”.



ASSISTÊNCIA ALIMENTAR

M. MACHANGONGO | EDIÇÕES NOVEMBRO



Programa leva cesta básica a centenas de idosos

Uma vez por mês, 700 idosos do município de Luanda, em situação de vulnerabilidade, beneficiam de uma cesta básica do Programa de Assistência Alimentar, implementado pela Comissão Administrativa da Cidade de Luanda, no âmbito do Combate à Fome e à Pobreza

A tinta de caju

LUCIANO ROCHA



ALÉM DO MALUVO

Este ofício de mussosseiro de missossos dos tempos em que Luanda era pequeno burgo, tão diferente da grande metrópole desorganizada em que se transformou, leva-me, cada vez mais, a comparações que me entristecem, confesso. Naquela Luanda, o plástico era coisa desconhecida. Não tinha ainda começado a destruir o mundo, contaminar mares, rios, lagoas, terras aráveis, o ar que respiramos. E quando apareceu a substituir o alumínio das canecas de tomar café ou chá na hora do matabicho, enchê-las de farinha musseque com açúcar mascavo, nossa quiquerria dos lanches, às vezes feita gonguanha, com mistura de água, que enchia mais, até nossos lindos pratos esmaltados, ninguém nos avisou do perigo que ele estava a trazer. Dos poucos plásticos de que me lembro era o dos discos que emitiam sons que faziam nossos mais velhos desenhar figuras geométricas nos chãos de cimento ou terra vermelha, tanto fazia, com passadas de nos deixar, a nós crianças, abumados. Aquelas músicas tão bonitas, que enchiam de alegria salões e quintais, não podiam sair de algo malévolo. De resto, nada era de plástico. As bolas de jogarmos renhidas desafios de muda aos cinco, acaba aos dez, eram quase sempre de meia e muitos dos nossos outros brinquedos, de lata ou bordão. Como os papagaios ou estrelas que transportavam nossos sonhos de meninos nas asas do papel de seda até onde o vento os levava. Hoje, tropeçamos em plástico na rua e em casa. Dormimos e acordamos com ele. Nos electrodomésticos, mobílias, vassouras, sacos de lixo e...do pão, embalagens de tudo e mais alguma coisa, vestuário, perucas, bacias das zungueiras. Até já temos, fábricas a pari-lo. Inauguradas com “pompa e circunstância”, tidas como parte da diversificação e desenvolvimento económico! Como eu gostava, em vez disso, de ver, outra vez, o aproveitamento das matebeiras. É que, convém lembrar, além do maluvo, que lhe dá a seiva, permite a indústria artesanal, de de balaios, cordas, até sacos. Não basta enchermos a boca de apelos às tradições.

Nilza Massango

jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Uma refeição por dia constitui hoje um desafio para muitos idosos do município de Luanda. Incapazes, doentes, sem trabalho e sem aposentadoria, essas pessoas encontraram no Programa de Assistência Alimentar aos Idosos, implementado pela Comissão Administrativa da Cidade de Luanda, o amparo necessário para satisfazer as suas necessidades básicas.

Esta triste realidade (passar um dia inteiro sem comer) é vivida por idosos como Antonica José, de 64 anos e viúva. Luanda, Jornal Metropolitano encontrou-a no Rangel onde acabara de receber uma cesta básica do Programa de Assistência Alimentar aos Idosos. Emocionada, contou-nos a sua história e aquilo que tem sido a luta diária para conseguir algo para pôr no estômago.

“Eu vendia na praça, mas devido a uma infecção pulmonar, tive que parar. Não consigo fazer nada. Recebo ajuda de vizinhos e familiares. Até os medicamentos são doados. Tenho sete filhos e nenhum deles trabalha. Desde ontem à noite, depois da papa de fuba de milho, sem leite e sem açúcar, que não tenho nenhuma refeição”, desabafou.

Como ela, estão Manuel Nhangá, Engrácia João, Antónia Mateus e outros idosos do Rangel, que dificilmente conseguem três refeições diárias. Por isso, receber um pacote de arroz, massa, açúcar, fuba de milho e feijão, um litro de óleo de soja, um lata de leite em pó e de salsicha, sal e sabão constitui uma “dádiva”.

Ao contrário de Antonica José, Manuel Nhangá, de 67 anos, recebe 20 mil kwanzas todos os meses, da sua aposentadoria como mecânico do Hospital Josina Machel, um valor que diz ser “muito pouco”, face às necessidades que a vida impõe. Todos os meses vive o mesmo dilema: comprar comida para casa ou pagar o consumo de energia eléctrica e água potável?

Viúvo, Manuel Nhangá vive com um dos netos. É ele mesmo quem cuida da casa, cozinha, lava e engoma a roupa. Apesar do corpo franzino e da idade que já pesa, não deixa de fazer por si. Feliz, no acto de entrega da cesta básica, Manuel Nhangá nem se aguentava com o peso dos alimentos que acabara de receber.

Natural de Malange, Manuel Nhangá vive há vários anos na rua Ngola Mbande, no Rangel. Quando está livre das tarefas domésticas, faz caminhadas e visita familiares e amigos. “Vou falar verdade. Só faço duas refeições, de manhã e de noite, porque nem sempre temos o que comer.

O dinheiro da reforma não chega para todas as despesas”, confessou.

Quase a completar 60 anos, Antónia Mateus carrega o “fardo” de ter ainda sob sua responsabilidade seis filhos com idades entre os 19 e 31 anos, todos desempregados. Mulher batalhadora, conseguiu, como vendedora, dar aos filhos a oportunidade de estudar.

Questionada sobre o que representa a cesta básica, quase mergulhou em lágrimas ao responder que a doação era tudo o que precisava para sair do sufoco em que vive todos os dias, para conseguir algo para comer.

A vida não tem sido fácil para ela, por isso, muitas vezes foi obrigada a fazer “kilapi” para recomear o negócio, pois o dinheiro que conseguia com o seu negócio era todo gasto nas despesas de casa.

FAMÍLIAS CARENCIADAS

Uma vez por mês, 700 idosos do município de Luanda, em situação de vulnerabilidade, beneficiam de uma cesta básica do Programa de Assistência Alimentar, implementado pela Comissão Administrativa da Cidade de Luanda, no âmbito do Combate à Fome e à Pobreza. Os

idosos seleccionados nos distritos urbanos do Sambizanga, Maianga e Rangel já receberam as cestas básicas deste mês. Em cada distrito, foram seleccionados 100 idosos inseridos no meio familiar.

A directora municipal da Família, Promoção da Mulher e Acção Social, Maria Luís, disse que a assistência alimentar é um complemento daquilo que as famílias têm feito pelos idosos.

Por outro lado, acrescentou, é uma assistência que visa também incentivar todos os idosos na rua a regressarem ao meio familiar e deixarem de viver na condição de mendigos.

Maria Luís reconheceu que, nesta primeira fase, muitos idosos ficaram sem cesta básica, mas garantiu que, dependendo do impacto do programa, o número de pessoas assistidas poderá aumentar.

“Seleccionámos apenas 100 idosos por cada distrito, num total de 700, que vão receber nesta fase as cestas básicas”, disse. Segundo Maria Luís, as necessidades dos idosos vão além da alimentação, mas acredita que, com o registo a decorrer, será possível conhecer outras dificuldades que os idosos enfrentam no seu dia-a-dia.



FRANCISCO JÚLIO TEIMOSIA E PRESSA DE VENDER

“Os fiscais levaram o meu negócio. Perdi mais ou menos 175 mil Kwanzas. Eles dizem que já não vão me devolver a mercadoria apreendida. Eles não têm culpa. Havia dias em que os fiscais passavam para nos alertar dos pontos em que não devíamos vender. A nossa teimosia e pressa de vender os produtos, às vezes nos sai caro”.



NEUSA FRANCISCO MAIS RENTÁVEL FORA DO MERCADO

“Vendo cuecas para homens na paragem de táxis dos Congolenses. O negócio torna-se mais rentável quando coloco neste ponto estratégico. No interior do mercado ficamos horas à espera de um cliente”.

PARAGENS DE TÁXIS

KINDALA MANUEL | EDIÇÕES NOVEMBRO



Vendedoras ambulantes “fintam” agentes da fiscalização

Helma Reis

Jornal.Luanda@edicoesnovembro.co.ao

Às primeiras horas da manhã, vendedoras ambulantes invadem as paragens de táxis ao longo das avenidas Fidel Castro, Deolinda Rodrigues, Golfe II e outros locais de paragem obrigatória dos vulgos “candongueiros”, onde comercializam roupas usadas, calçado, bebidas, telemóveis, rádios e outros artigos.

Apesar da intenção do Executivo de acabar com o excesso de vendedores que deambulam pelas ruas da cidade de Luanda, o número de ambulantes multiplica-se a cada dia que passa, devido à falta de emprego, e a crise eco-

nómica e financeira que assola o país agravou ainda mais a situação.

Moradora do bairro Boa Esperança, município de Cacucaco, Valeriana Jambela, 39 anos, comercializa meias para mulher numa paragem do São Paulo, no distrito urbano do Sambizanga. Sentada sobre um amontoado de pedras, a vendedora justifica a presença no local com a falta de lugares no interior do mercado.

“Nas paragens, o negócio acaba mais rápido. Quem fica na paragem à espera do táxi não tem como não reparar nas coisas que vendo. As pessoas, com ou sem dinheiro, se mostram interessadas em levar alguma coisa”, disse. Ali, “os fiscais não incomodam ninguém”, garantiu.

Neusa Francisco vende cuecas pa-

ra homem na paragem de táxis dos Congolenses. Ela garante que o negócio torna-se mais rentável quando efectuado naquele ponto estratégico. “No interior do mercado ficamos horas à espera de um cliente. Por isso, é melhor vender aqui fora”, justificou.

Outro vendedor ambulante, Francisco Júlio, 28 anos, ficou sem o negócio. Foi apanhado pelos fiscais e perdeu tudo.

O jovem comercializava água mineral, refrigerantes, bebidas alcoólicas, detergentes, cremes para a pele e champô nas ruas do bairro São Paulo. “Tinha 16 anos quando comecei a vender na rua e nunca tinha sido apanhado pelos fiscais”, referiu.

O jovem afirmou que as condições climáticas não influenciava em na-

“Existem espaços arrendados pela administração onde as vendeiras podem comercializar os seus produtos de forma tranquila e sem exposição a qualquer tipo de perigo. É difícil a tarefa de expulsar os ambulantes, que resistem em sair do perímetro definido pelas autoridades”



**ARLINDA AZERES
OPORTUNIDADE E PREÇO**

“Valorizo a presença dos vendedores ambulantes nas paragens. Precisamos sempre comprar alguma coisa, mas nem sempre temos a oportunidade de chegar à uma cantina ou loja, para adquirirmos um determinado produto. Eles encurtam as distâncias. Nas paragens tudo fica mais barato”.



**CARLOS FRANCISCO
ROUPA
E REFRIGERANTES**

“A presença de alguns ambulantes nas paragens facilita a vida dos passageiros. Um ou outro vai precisar sempre de água e de refrigerantes. Mas em relação a roupa, devo dizer que nem sempre há tempo para irmos à uma loja”.

O QUE PENSAM OS PASSAGEIROS?

HÁ MUITOS TÁXIS perfilados nas paragens. Cobradores soltam as vozes. Convidam os passageiros a subirem nos carros. Carlos Francisco, que já tinha um pé no interior de uma viatura, recua para seguir a voz da vendedora ambulante, que gritava repetidas vezes: “É só quinhentos kwanzas, a cueca para homem.”

Carlos Francisco ficou mais de dez minutos a escolher. No final, agradeceu à vendedora pelos descontos nos preços.

“A presença de alguns ambulantes nas paragens facilita a vida dos passageiros. Um ou outro vai precisar sempre de água e de refrigerantes. Mas em relação à roupa, devo dizer que nem sempre há tempo para irmos à uma loja ou boutique”, disse. “Os vendedores ambulantes funcionam como lembre-

tes, sobretudo para as pessoas que passam a vida a trabalhar”, referiu.

No interior do táxi, Arlinda Azeres valoriza a presença de ambulantes nas paragens. “Precisamos sempre de comprar alguma coisa, mas nem sempre temos a oportunidade de chegar a uma cantina ou loja, para adquirirmos um determinado produto. Eles encurtam as distâncias. Nas paragens tudo fica mais barato”, afirmou.

A Lei n.º 1/7, de 14 de Maio de 2017, no artigo 4, define o comércio ambulante como uma actividade comercial a retalho não sedentária, exercida por indivíduos que transportam mercadorias e as vendem em locais do seu trânsito, fora dos mercados urbanos ou municipais, e em locais fixados pelas administrações municipais.



KINDALA MANUEL | EDIÇÕES NOVEMBRO

VENDAS As paragens de táxis estão entre os pontos estratégicos na visão das vendedoras



KINDALA MANUEL | EDIÇÕES NOVEMBRO

ORDEM Agentes de fiscalização realizam acções conjuntas com efectivos da polícia para desencorajar a venda ilegal

da o seu desempenho como vendedor ambulante. Mesmo debaixo de sol ardente ou de chuva intensa, Francisco Júlio não parava a actividade comercial. Vestia uma capa de chuva e ficava horas nas ruas, sempre atento às solicitações dos automobilistas, passageiros ou peões ávidos de matar a sede. “Os fiscais levaram o meu negócio.

Perdi mais ou menos 175 mil kwanzas. Eles dizem que já não vão me devolver a mercadoria apreendida. Mas eles não têm culpa de nada. Havia dias em que os fiscais passavam para nos alertar dos pontos em que não devíamos vender. Mas a nossa teimosia e pressa de vender rápido os produtos às vezes nos sai caro”, reconheceu.

Para dar a volta à situação, Francisco Júlio arranhou emprego. Trabalha agora como estivador num armazém do São Paulo.

Com o novo serviço, factura mais ou menos cinco mil kwanzas por dia. “Mas o dinheiro só chega para comprar comida e nada mais que isso”, sublinhou.

POUCOS AGENTES

DE ACORDO com o chefe de operações da fiscalização do Distrito Urbano do Rangel, José Magalhães, a carência de efectivos no município de Luanda deve-se à expulsão de 16 fiscais por má conduta. Por essa razão, prosseguiu, é necessário alargar o horário de funcionamento do pessoal.

Sobre o comércio desordenado nas paragens de táxis, José Magalhães assinalou que os agentes de fiscalização realizam acções conjuntas com efectivos da Polícia Nacional, para desencorajar a venda ambulante nesses locais. “Em função disso, estão identificados alguns pontos fixos onde os dois órgãos intervêm. Mas em horários alternados”, explicou.

Segundo o responsável, existem espaços arrendados pela administração onde as vendedoras podem comercializar os seus produtos de forma tranquila e sem exposição a qualquer tipo de perigo. José Magalhães considera difícil a tarefa de expulsar os ambulantes, que resistem à ordem de abandonar o perímetro de exclusão do comércio definido pela administração local do Estado.

“Quando apreendemos os ‘negócios’ dos ambulantes, muitos deles, sentindo-se prejudicados, agridem os

nossos agentes. Mas eles deviam saber que a desobediência às regras impostas pela administração dá direito à apreensão dos produtos, que poderão ser reclamados pelos proprietários num período limite de 30 dias”, salientou.

José Magalhães acrescentou que as mercadorias são devolvidas aos donos mediante pagamento de multa, que deve ser efectuado dentro dos prazos estabelecidos. O chefe de operações da fiscalização do Rangel, José Magalhães, sublinhou que as multas servem para desencorajar o vendedor ambulante a comercializar produtos na zona de exclusão, sob pena de pagar coimas ainda mais pesadas.

“Também estamos a ‘atacar’ as pedonais, que é uma das grandes preocupações da fiscalização, uma vez que o número de pessoas a vender nestes locais é cada vez maior”, disse.

O agente regulador de trânsito, António Fazenda, que actua no distrito do Sambizanga, afirmou que, em Luanda, o combate à venda desordenada é feito de forma pacífica. Por ser uma tarefa difícil, a Polícia Nacional foi chamada a apoiar os fiscais nas acções de sensibilização e ajudar a movimentar os ambulantes para o interior dos mercados.



ESCOLA ÓSCAR RIBAS MEDIDA PREVENTIVA

No bairro da Cuca, Distrito Urbano do Cazenga, na escola do segundo ciclo 3040, as alunas gestantes com idade compreendidas entre 14 e 16 anos são encaminhadas para o turno da noite. A medida visa prevenir que essas sejam uma má influência para alunas de menor idade.



VIRGÍLIO TOMÁS ARREPENDIDO PELA DECISÃO

"Estudo à noite por decisão pessoal. Durante o dia desempenho a função de jardineiro numa empresa localizada nas imediações do Largo 1º de Maio, centro de Luanda. Estou arrependido pela decisão que tomei. O meu trajecto da escola para casa não têm sido fácil".

FORMAÇÃO ACADÉMICA

JOÃO PEDRO | EDIÇÕES NOVEMBRO

Falta de vagas "empurra" adolescentes para o período nocturno

Devido à escassez de vagas no período diurno e, em alguns casos, por opção, um número não determinado de adolescentes estuda à noite. Embora não seja propriamente uma realidade nova, a prática ocorre em instituições escolares do primeiro e segundo ciclos do ensino secundário



Manuela Mateus

jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Salas de aula vazias, falhas recorrentes de energia eléctrica, alunos "entregues" ao convívio em roullotes junto às escolas, enquanto outros decidem regressar cedo a casa com receio de cair nas mãos dos criminosos. Este é o cenário constatado pelo *Luanda, Jornal Metropolitano*, durante a recente ronda nocturna em diferentes escolas do primeiro e segundo ciclos do ensino secundário, na sequência da denúncia sobre a existência de adolescentes que frequentam aulas neste período.

Virgílio Tomás, de 17 anos, frequenta o primeiro ciclo do ensino secundário no complexo escolar nú-

mero 9009, localizado no bairro do Chinguar, distrito urbano do Benfica. Estudante nocturno, Virgílio Tomás que reside na Zona Verde do Benfica, conta que estudar à noite foi uma decisão pessoal. O desempenho da função de jardineiro durante o dia, numa empresa localizada nas imediações do Largo 1º de Maio, centro de Luanda, motivaram a escolha. Agora manifesta arrependimento pela decisão tomada.

"O meu trajecto da escola para casa não têm sido fácil. Normalmente, às 22 horas e 45 minutos, quando termina o último período de aulas, já não circulam táxis com destino à Zona Verde e sou obrigado a caminhar a pé para casa, onde muitas vezes chego por volta da meia-noite", disse.

Na mesma situação encontra-se Simão Missente, de 16 anos. Estu-

dante da 9.ª classe, receia sempre pela segurança à saída das aulas, particularmente quando assiste ao último tempo. Embora tenha entre os colegas dois residentes do Mundial, bairro próximo das Salinas, local onde vive, admite que o caso não é para menos. Inclui a fraca iluminação na via pública e a ineficiente rede de transportes públicos, entre as causas que facilitam a criminalidade. Acrescido a isso, Simão Missente tem noção de que estudar à noite é prejudicial na sua idade e admite não ter alternativas.

Pensamento contrário tem Augusto Fernando, de 18 anos. Matriculado na escola número 9001, no mesmo distrito urbano, afirma não ter razões para temer o pior. Duas reprovações consecutivas de classe ditaram o seu destino. Confessa que es-

"Estou nessa "caminhada" há dois anos e, no início, tive dificuldade para contornar os vários contratempos. É muito difícil estudar de noite, uma vez que o tempo dedicado ao ensino é escasso. Para agravar, estamos sujeitos a falhas de energia e ausência constante de alguns professores".



DIÓGENES BIMBI
INSEGURANÇA PERMANENTE

“Há três meses, por volta das 22 horas, nas imediações do Cemitério do Benfica, fui surpreendido por marginais e fiquei sem alguns dos meus bens. A zona está quase sempre escura e os marginais se fazem transportar em motorizadas sem iluminação”.



FELIZARDO BANDEIRA
POUCA ASSIMILAÇÃO

“Uma pessoa esgotada muito dificilmente memoriza com precisão as informações. A capacidade de assimilação dos conteúdos é lenta e a motivação para aprender é fraca. A atenção do aluno pode ficar dividida entre perceber a aula, que é importante, e resistir à tentação de dormir na sala”.

tá nessa “caminhada” há dois anos e, no início, teve dificuldades para contornar os vários contratemplos. Deste período, guarda acontecimentos desagradáveis, porém não esconde o seu optimismo quanto ao futuro.

“É muito difícil estudar de noite, uma vez que o tempo dedicado ao ensino é escasso. Para agravar, ao longo do ano lectivo, estamos sujeitos a falhas de energia e ausência constante de alguns professores”, lamentou.

Além de partilhar a adolescência, os motivos evocados pelos alunos que estudam de noite praticamente convergem. Escassez de vagas, reprovações consecutivas, gravidez indesejada e ocupação laboral durante o dia lideram as causas.

António Ernesto, director da escola N’gola Kiluange, admite que a instituição apresenta poucos casos do género e dá a conhecer um situação caricata: “Tivemos o caso de uma aluna que solicitou à direcção da escola que fosse transferida para o período nocturno, porque vive em um convento e lá os trabalhos são realizados durante o dia.”

ESCURIDÃO E ASSALTOS

Diógenes Bimbi, de 18 anos, estudante da 9.ª classe, teme pela sua segurança quando sai da escola. Há três meses, por volta das 22 horas, quando atravessava o caminho que habitualmente faz, nas imediações do Cemitério do Benfica, foi surpreendido por marginais que o despojaram de alguns bens.

“A zona está quase sempre escura e os marginais se fazem transportar em motorizadas sem iluminação. Foi tudo tão rápido que nem me apercebi quando foram embora”, recordou.

Localizada no interior do bairro da Cuca, Distrito Urbano do Cazenga, a escola do segundo ciclo 3040, vulgo Óscar Ribas, não tem adolescentes matriculados no ensino nocturno. Contudo, Anselmo Ginga, coordenador

“O meu trajecto da escola para casa não têm sido fácil. Normalmente, às 22 horas e 45 minutos, quando termina o último período de aulas, já não circulam táxis com destino à Zona Verde e sou obrigado a caminhar a pé para casa, onde muitas vezes chego por volta da meia-noite”

do turno da noite, informou que as alunas gestantes com idade compreendida entre 14 e 16 anos são encaminhadas para o turno da noite. Anselmo Ginga justificou que a transferência visa prevenir que essas sejam uma má influência para alunas de menor idade.

Além do Cazenga, referiu que os alunos são provenientes de Viana, Cacuaco, Palanca, Boavista, Marçal, Calemba II, Cassenda e Kikolo.

Filomena José é um exemplo. Moradora no Calemba II, frequenta o curso de Ciências Biológicas e tem na distância que a separa de casa o maior constrangimento.

“As aulas iniciam às 18 horas e o último tempo termina às 22h30. Muitas vezes tenho de sair cedo devido à escassez de transporte e o risco de assaltos e, por isso, aproveito o dia seguinte para passar a matéria”, disse.

ACESSO AOS NÍVEIS DE ENSINO

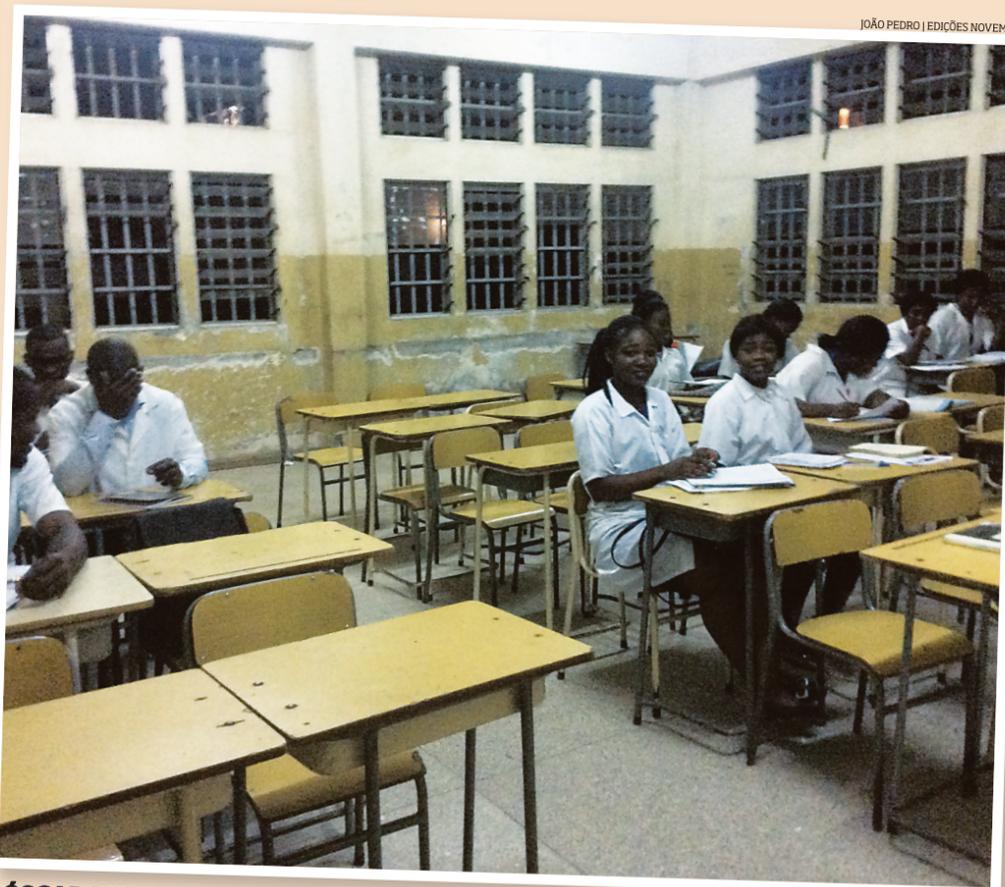
O COORDENADOR do turno da noite do complexo escolar 9009, Manuel Marques, disse que o despacho número 115, de 11 de Maio de 2010, do Ministério da Educação (MED), fixou em cinco anos a idade mínima, completa ou a completar até 31 de Maio do primeiro trimestre do ano lectivo, para as matrículas da classe de iniciação. Seis anos é a idade mínima da matrícula para a 1.ª classe.

O documento do MED estabelece também os 12 anos para o primeiro ciclo do ensino secundário e formação profissional básica, enquanto que, para o segundo ciclo do ensino secundário

e ensino médio técnico e normal, a idade mínima é de 15 anos.

Manuel Marques explicou que um aluno de 12 anos deve fazer a 7.ª classe e aos 14 anos deve frequentar a 9.ª classe. Caso isso não aconteça, afirmou que deve dar lugar aos alunos de menor idade.

“Todos os adolescentes a frequentar o ensino no período nocturno têm geralmente de 14 anos em diante. Essas idades são consideradas normais de acordo com o nível de ensino, mas são raros os casos de menores nessa condição”, disse. **MM**



ÓSCAR RIBAS A escola recebe alunos de Viana, Cacuaco, Palanca, Calemba II e Kikolo

APRENDIZAGEM COMPROMETIDA DEVIDO AO CANSAÇO

A PROBABILIDADE de comprometer a aprendizagem dos adolescentes que frequentam o ensino no período nocturno é maior devido ao cansaço e redução dos níveis de memória, afirmou o psicólogo Felizardo Bandeira.

Convidado a pronunciar-se sobre o tema, o especialista em Psicologia referiu que, em termos legais, as aulas à noite foram concebidas para os adultos, sobretudo aqueles que no período diurno não dispõem de tempo para estudar devido ao exercício de outras actividades.

“Quando a mente está cansada, a capacidade de assimilação é fraca, porque durante o dia os adolescentes consomem mui-

ta energia em brincadeiras e outras actividades”, disse.

Felizardo Bandeira explicou que uma pessoa esgotada muito dificilmente memoriza com precisão as informações. Em consequência, salientou que a capacidade de assimilação dos conteúdos é lenta e a motivação para aprender é fraca. A atenção do aluno pode ficar dividida entre perceber a aula, que é importante, e resistir à tentação de dormir na sala ou regressar cedo a casa para descansar, acrescentou.

“Este tipo de atenção desprende o adolescente de ter uma memória a longo prazo que o fará recordar em casa ou noutros dias sobre o que tem aprendido. Mas, se ti-

ver suporte em casa como motivação e incentivo, o desempenho pode ser diferente”, sustentou. Além de incluir o medo e a insegurança entre os factores que podem comprometer a aprendizagem, Felizardo Bandeira explicou que, por residir em bairros com índices elevados de criminalidade na calada da noite, os adolescentes nesta condição ficam apreensivos. Na maior parte das vezes desligam-se dos ensinamentos, limitando-se pelo desejo do fim das aulas, assinalou. “A intenção é de chegar mais cedo à casa, uma vez que percorrem longas distâncias a pé no trajecto casa escola ou vice-versa”, disse.

O psicólogo realçou que nem todas estas particularidades aplicam-se aos adoles-

centes e lembrou que cada caso é um caso e o processo de aprendizagem depende muito do contexto social e económico.

“Os períodos de manhã e tarde são os mais adequados para estudar, a mente ainda está fresca e o corpo menos sobrecarregado”, enfatizou.

Felizardo Bandeira disse reconhecer que o ensino nocturno antes dos 18 anos se deve à escassez de vagas. Neste contexto, destacou que a adolescência é um período de intensas mudanças físicas e cognitivas, em que os conflitos de identidade são evidentes, tendo apelado às instituições do Estado para a criação de condições que favoreçam um enquadramento adequado. **MM**

JOÃO PEDRO | EDIÇÕES NOVEMBRO



DENUNCIE QUEM ESTIVER A DESTRUIR OS BENS DO POVO

O vandalismo está a destruir os bens públicos em todo o País. Os criminosos querem dificultar a vida da população com objectivos escusos. **É UM CASO DE POLÍCIA**

GOVERNO DE
ANGOLA

(300.044)

PLANALTO

A FORÇA E TRADIÇÃO DO SEU POVO AQUI REFLECTIDO

O JORNAL DO HUAMBO E BIÉ



EDIÇÕES NOVEMBRO

Paixão pela Imprensa

PLANALTO
JORNAL DA REGIÃO CENTRO DE ANGOLA

Director Fernando Cunha • 8 de Junho de 2018 • Ano 0 • Número 1

ÓBITOS E PEDIDOS NO BIÉ
USO DE PANOS AFRICANOS É OBRIGATORIO

O uso de panos de origem africana nas cerimónias fúnebres e alambiamentos tornou-se numa prática obrigatória entre as mulheres adolescentes e adultas da província do Bié, conduta que promove à cultura da região e por isso está a ser muito elogiada pelos turistas. São mulheres de vários estratos sociais que, nos óbitos, por exemplo, usam panos em respeito à família enlutada e à sociedade, além de manifestarem tristeza e afecto. Os panos africanos são agora trajes oficiais das mulheres da cultura umbundu. As mulheres que não os usam de forma regular têm sempre uma peça guardada numa bolsa.

ESTÁDIO DE FUTEBOL
CACILHAS VIROU CAMPO AGRÍCOLA

A 6 de Setembro de 2012, com pompas e circunstâncias, o Estádio das Cacilhas, um património histórico da cidade do Huambo e símbolo do Sport Mambra e Benfica, foi demolido, para a construção de um novo recinto para a prática do futebol. Na altura, muitos aficionados do desporto acreditavam que - tempos depois - viria uma nova era para o tradicional clube do bairro das Cacilhas, na zona suburbana da urbe huambuesa: Puro engano. Hoje, todos aqueles que acreditaram, piamente, que o começo da edificação do novo estádio das Cacilhas, padronizado à dimensão de uma infraestrutura moderna do século XXI, iria significar o ressurgimento do Mambra do Huambo, sentem-se defraudados.

O MAIS ALTO DO HUAMBO
OS 2,30 METROS DE HENRIQUES SOCUMBE

Solteiro de 33 anos, é tido como o homem mais alto da província do Huambo e, quicá, do país. No alto dos seus 2,30 de altura, Henriques Socumbe nunca teve a sorte de encontrar alguém que o tivesse para a sua estatura e o levasse a treinar basquetebol ou voleibol, duas modalidades que "corridam" com as pessoas com uma estrutura

A TECNOLOGIA AO SERVIÇO DA FORMAÇÃO



QUALIFICAR, O NOVO APLICATIVO
DA OFERTA FORMATIVA DO PAÍS

Consulta mais de 3000 cursos, em mais de
500 Instituições de Ensino e Formação,
distribuídos por todas as Províncias do país.

-  SIMPLIFICA A ESCOLHA
DE UM CURSO
-  INCLUI DIVERSOS
NÍVEIS DE ENSINO
E FORMAÇÃO

ESTÁS PREPARADO?

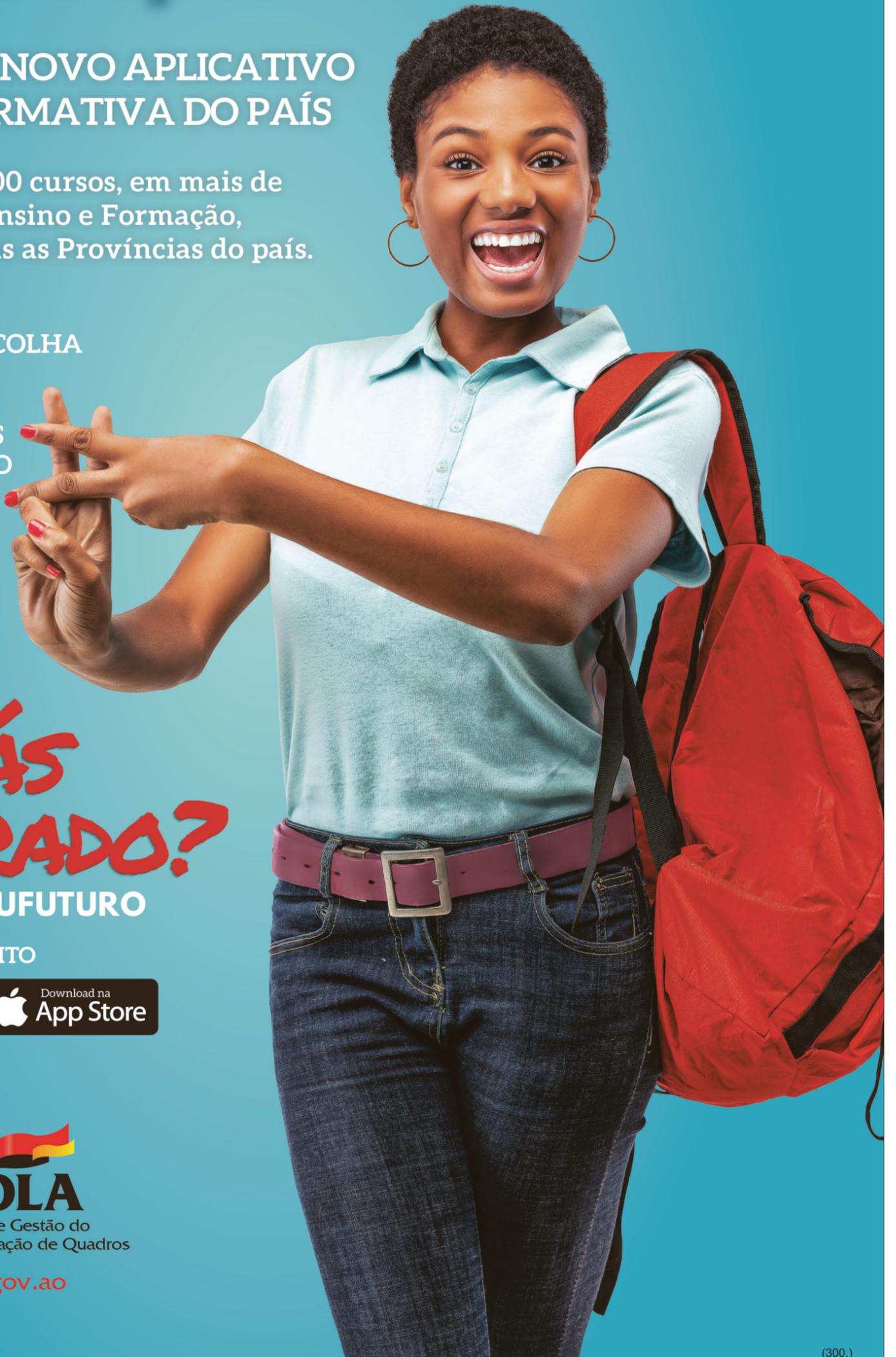
#DECIDEOTEUFUTURO

GRATUITO



GOVERNO DE
ANGOLA
Unidade Técnica de Gestão do
Plano Nacional de Formação de Quadros

qualificar.gov.ao





OVÍDIO GOMES DESTINO CERTO

"Não estamos aqui porque queremos casas novas. Fizemos isso para chamar a atenção da Administração e do Governo de Luanda para a necessidade de dar um destino certo a este lugar, para o bem da população".



BAIRRO CHINGUAR ESPAÇO DE LAZER ERA CEMITÉRIO

Um pequeno muxixeiro serve de resguardo para um grupo de homens e mulheres, residentes no bairro Chinguar, o distrito do Benfica. O espaço usado para lazer era um antigo cemitério clandestino, que tinha o nome do bairro.

OCUPAÇÃO ANÁRQUICA

Moradores de antigos cemitérios ilegais coabitam com ossadas desenterradas

Túmulos abertos e ossos humanos expostos é o cenário que apresentam os bairros Chinguar, Buraco, Ramiros e Mulenvos de Baixo, onde várias pessoas ocuparam terrenos de antigos cemitérios clandestinos para construir habitações.

Os moradores clamam pela exumação dos cadáveres.



AGOSTINHO MARCOSO | EDIÇÕES NOVEMBRO

Cristina da Silva
jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Farrapos de pano, maxilares e ossos de membros superiores decrépitos expostos demonstram a triste realidade dos cemitérios desactivados pelo Governo da Província de Luanda. Em vésperas do Dia dos Finados, assinalado a 2 de Novembro, fomos ver como vivem as pessoas que cons-

truíram as suas residências sobre túmulos.

O antigo cemitério dos Mulenvos de Baixo, entre os municípios de Cacuaco e de Viana, deu início em 2008 ao processo de exumação de mais de 20 mil corpos enterrados de forma ilegal. Dez anos depois, com a exploração de inertes por uma empresa privada de construção civil, os ossos humanos surgem à vista de todos.

"Todos os dias encontramos ossos de pessoa", disse um jovem, ao mesmo tempo que apontava para os maxilares de um cadáver num pequeno entulho de areia. A uns metros de distância, ossos de membros superiores estão espalhados na areia. O cemitério é ocupado por várias famílias.

Efectivos das Forças Armadas Angolanas (FAA), destacados no local, tentaram impedir a reali-

zação da reportagem sob a alegação de estarmos a invadir uma reserva do Estado. "Esta é uma reserva do Estado. Ninguém está autorizado a circular no recinto", disse um oficial, que não se quis identificar.

Depois de muita insistência, conseguimos colher depoimentos de moradores. Há 15 anos, Maria Ferreira (nome fictício) construiu a sua casa num terreno do antigo cemitério, onde mo-

ra com os cinco filhos. "Nunca tivemos problemas. Desde que deixaram de enterrar, as confusões acabaram", reconheceu.

Maria Ferreira contou que, todos os dias, surgem ossadas humanas espalhadas pelo local, onde mais de 50 famílias aguardam por realojamento. Além de zona habitacional, o antigo cemitério dos Mulenvos de Baixo também foi transformado num campo de cultivo de mandioca e quisaca.



FRANCISCO VILAR TERRENOS CEDIDOS A FIGURAS DO ESTADO

Francisco Vilar, outro morador, não escondeu a sua revolta ao saber que o local seria privatizado. Apontou o dedo acusador a anterior administração do Benfica, que supostamente cedeu o terreno a altas figuras do Estado.



FERNANDO GOMES GRANDE PERIGO À SAÚDE PÚBLICA

“Desde 2002, os familiares dos defuntos aguardam ansiosamente pela autorização da administração distrital para a exumação dos cadáveres. Existe a urgente necessidade do Governo Provincial de Luanda rever a situação e chamar as partes envolvidas no processo”.

O antigo cemitério dos Mulenvos de Baixo, na fronteira entre os municípios de Cacuaco e de Viana, deu, em 2008, início ao processo de exumação de mais de 20 mil corpos enterrados de forma ilegal. Dez anos depois, com a exploração de inertes no local, por uma empresa privada de construção civil, os ossos humanos surgem à vista de todos.

CEMITÉRIO INVADIDO

Um pequeno muxixeiro serve de resguardo para um grupo de homens e mulheres, residentes no bairro Chinguar, no distrito do Benfica. O espaço usado para lazer era um antigo cemitério clandestino, que tinha o nome do bairro, desactivado em 2002. As plantas de piteiras não conseguem esconder as campas que assuntam quem visita o bairro pela primeira vez.

Um quintalão aberto estão sepultados corpos há mais de 25 anos. Contar as campas é um fardo. Isabel Nalumbo, Guida Afonso, Kaley Figueira, só para citar alguns defuntos, estão sepultados no cemitério do Chinguar, enquanto os familiares aguardam pela exumação.

Fernando Gomes, morador do bairro, disse que, desde 2002, os familiares dos defuntos esperam ansiosamente pela autorização da administração distrital para a exumação dos cadáveres.

Aos 68 anos, o ancião Ovídio Gomes resolveu mudar-se para aquele cemitério. Segundo ele, a falta de transparência da Administração quanto ao destino a dar ao terreno do antigo cemitério, explica a ocupação anárquica.

“Não estamos aqui porque queremos casas novas. Fizemos isso para chamar a atenção da Administração e do Governo de Luanda para a necessidade de dar um destino certo a este lugar, para o bem da população”, justificou Ovídio Gomes, que construiu uma casa e habita a poucos metros da campa da mãe. Além da progenitora, tem duas filhas e um irmão sepultados no cemitério do Chinguar.

O morador defende que naquele terreno seja construída uma escola ou um hospital público para o benefício da população. “Infelizmente, estes espaços são destruídos para dar lugar a projectos privados. Eles não vão fazer isso aqui, porque é onde estão enterrados os nossos familiares. Queremos

escola ou hospital”, enfatizou.

Francisco Vilar, outro morador, não escondeu a sua revolta ao saber que o local seria privatizado. Ele apontou o dedo acusador à anterior Administração do Benfica, que supostamente cedeu o terreno a altas figuras do Estado.

“Temos familiares sepultados neste cemitério. Vivemos aqui sem dignidade. Os nossos filhos são obrigados a percorrer longos quilómetros para irem à escola. Hospital, só mesmo o Josina Machel. Até quando?”, questionou.

Contactámos a Administração do distrito do Benfica para mais esclarecimentos, mas, até ao fecho desta edição, não obtivemos resposta.

COMUNA DOS RAMIROS

Localizado ao longo da Estrada Nacional 100, que liga a província de Luanda ao Cuanza Sul e Benguela, o cemitério da comuna dos Ramiros, município de Belas, apresenta o mesmo cenário, com túmulos abertos e ossadas no chão. Os últimos funerais datam de 2016. O primeiro funeral foi realizado em 1989. Nem mesmo o capim alto “esconde” os túmulos dos moradores que um dia deram vida à comuna. À semelhança de outros, os moradores dos Ramiros também aguardam pela exumação dos corpos dos seus familiares. António Pascoal, pescador de profissão, considera um “acto negligente” a não exumação dos cadáveres. Apesar de ter quatro filhos enterrados no local, defende a transferência dos cadáveres para zonas desabitadas.

“Se nada for feito, a saúde pública está comprometida”, alertou, acrescentando que é constrangedor ter túmulos abertos mesmo defronte à sua residência. “Uma vez que já não se realizam funerais, era importante limpar a área, para permitir melhor habitabilidade aos munícipes”, reforçou.



AGOSTINHO NARCISO | EDIÇÕES NOVEMBRO

CONSTRANGIMENTOS Munícipes defendem a legalização dos terrenos para realizarem os funerais

BAIRRO BURACO

A FALTA DE DINHEIRO para pagar o transporte de urnas e a enorme distância percorrida para realizar funerais no cemitério do Benfica, levou os moradores do bairro Buraco a criar o cemitério clandestino do Farol das Palmeirinhas. A Comissão de Moradores assume a gestão daquele local. “É muito dinheiro para nós realizarmos os funerais no cemitério do Benfica. Dependemos apenas de pequenos negócios e do mar”, queixou-se a anciã Domingas Mateus, para quem o cemitério do Farol não constitui perigo para as populações.

Teresa Figueira, também moradora do bairro

Buraco, defende a legalização do cemitério, para os funerais serem realizados com dignidade. “Apesar de ser do conhecimento da comissão de moradores, realizamos funerais com algum receio, porque desconhecemos se isso irá nos criar problemas”, disse.

Com o mar em plano de fundo, o cemitério possui características que o diferenciam dos outros visitados pelo *Luanda, Jornal Metropolitano*, começando pela areia branca da praia. À entrada está o túmulo do antigo coordenador do bairro, Mateus Paulo.

CS

EXUMAÇÃO SEM DATA

M.MACHANGONGO | EDIÇÕES NOVEMBRO

O CHEFE DOS SERVIÇOS DOS CEMITÉRIOS de Luanda reconheceu a existência desses locais clandestinos e garantiu a sua desactivação por completo. Filipe Mahapi anunciou a vedação desses terrenos e a construção de projectos sociais nesses locais, mas sem avançar datas.

Filipe Mahapi anunciou a construção de quatro novos cemitérios em Luanda, nomeadamente nos Ramiros, Zango, Cacuaco e Icolo e Bengo.

Os restos mortais do cemitério clandestino dos Mulenvos foram transferidos para um terreno no musseque Capari, na Estrada Nacional 100, que liga Luanda ao Bengo.

Segundo uma fonte dos Serviços de Cemitérios de Luanda, a exumação de restos mortais deve ser feita cinco anos depois do enterro. Até Outubro de 2008, mais de cinco mil corpos tinham sido exumados nos Mulenvos e levados ao musseque Capari.

CS



PROJECTO Filipe Mahapi promete mais cemitérios

Doe Sangue Salve uma Vida

Faça Parte desta Causa!



INSTITUTO NACIONAL DE SANGUE

GOVERNO DE
ANGOLA
MINISTÉRIO DA SAÚDE



JÚLIA FIANÇA
“AMEAÇA À SAÚDE PÚBLICA”

“Existem muitos cães dispersos na província. Sugiro que se crie um órgão vocacionado para o tratamento de animais abandonados na rua, por se tratar de uma ameaça à saúde pública e também ambiental. Seria ideal que existisse um órgão público que pudesse dar atenção redobrada a este problema”.



JOSÉ KIMBANZA
“CAMPANHAS DE ESCLARECIMENTO”

“Uma das soluções para acabar com os animais vadios passa pela realização de campanhas de esclarecimento dirigidas aos proprietários de animais e não só, leis específicas, programas de vacinação e registo de animais, assegurando assim uma mudança de mentalidade que se espera seja duradoura”.

ANIMAIS VADIOS



Risco de raiva e atentado à saúde pública

Nos últimos tempos, aumentou a quantidade de animais vadios, sobretudo cães e gatos, que deambulam pelas ruas de Luanda, o que coloca em risco a integridade física dos habitantes, principalmente crianças. Para se ter uma ideia, a raiva - uma infecção mortal transmitida aos seres humanos a partir da saliva de animais infectados, geralmente por uma mordedura - tem ceifado a vida de dezenas de pessoas, anualmente, na capital do país. De Janeiro a Setembro deste ano, já causou 35 mortes. Por outro lado, quando atropelados mortalmente, esses animais permanecem dias no local até serem removidos. Há oito anos, o Governo da Província de Luanda (GPL) inaugurou na comuna da Funda, em Cacucaco, um canil/gatil, para acolher animais recolhidos na via pública, mas nem assim a situação ficou resolvida. Luanda continua infestada de animais vadios. Dos nove municípios da capital, apenas dois, Cacucaco e Viana, têm canis/gatis operacionais, estando as autoridades provinciais a aguardar pela aprovação do Programa de Investimento Público (PIP) que poderá dar origem a mais equipamentos do género.

Actualmente, o GPL não tem um programa de captura de animais vadios, embora algumas administrações disponham de planos para o efeito. Recentemente, foi realizada uma campanha de vacinação anti-rábica, mas isso não assegura total protecção. Os animais até podem estar imunizados, mas uma mordedura provoca ferimentos, que podem levar à morte. Os entrevistados do Luanda, Jornal Metropolitano dizem que o problema é grave e consideram que o Governo deve retirar das ruas os animais vadios.

FULA MARTINS



Alvina Lituaiá
 “Tratados com carinho”

“Apesar de irracionais, as pessoas devem ter noção que os animais são seres vivos e, por isso, devem ser tratados com carinho, e nunca maltratados como acontece muitas vezes. Só desta maneira podem deixar de constituir um perigo à saúde”.



Luís Castro
 “Causadores de transtornos”

“Muitos dos animais abandonados são vectores de doenças e causam transtornos, principalmente na via pública. É necessário que o Governo de Luanda crie mecanismos para evitar que os animais deixem de vaguear na cidade”.



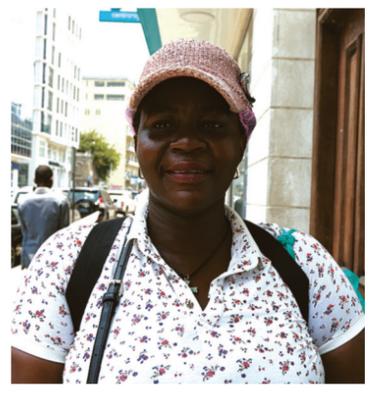
Henda Domingos
 “Empenho na recolha”

“Sei que na comuna da Funda existe um local para onde são levados os animais recolhidos na rua. Definitivamente, deve existir maior empenho do Governo da Província na recolha desses animais, muitos dos quais perigam a vida humana”.



Domingos Cabeto
 “Cuidado redobrado”

“Em princípio, se tiverem proprietários, urge a necessidade deles serem responsabilizados. Por outro lado, os técnicos afectos aos serviços veterinários devem recolher todos os animais vadios para reavaliação do respectivo estado de saúde”.



Luzia Calumbo
 “Devido tratamento”

“A solução passa por estabelecer mecanismos para a construção de espaços adequados em todos os municípios para o acolhimento desses animais. Sinceramente, não sei se o canil/gatil da comuna da Funda funciona”.

FOTOS | KINDALA MANUEL

NÃO DEITE LIXO NA RUA



SEJA UM BOM CIDADÃO

Toneladas de lixo são despejadas, diariamente, na via pública, prejudicando o ambiente e a saúde de todos. **Tenha uma atitude positiva. Proteja-se a si e aos outros e ajude o Governo a investir mais em escolas, hospitais, estradas e outros bens sociais, em vez de o gastar no lixo.**



(300.052a)

COMPRAR E ANUNCIAR CADA VEZ MAIS PRÓXIMO DO CIDADÃO

BREVEMENTE

NOVOS POSTOS DE VENDA

Centralidade do Sequele e Vila de Cacuaco



EDIÇÕES NOVEMBRO
Paixão pela Imprensa

MLINK

*CUIDAR BEM DOS COMBOIOS
É CUIDAR DE UM BEM QUE TAMBÉM É SEU.*



**NÃO DESTRUA O
QUE É DE TODOS!**
Cuide bem dos comboios.

O Caminho de Ferro de Luanda está a ser modernizado com novas estações, locomotivas mais rápidas e carruagens mais confortáveis. Actualmente, milhares de passageiros já utilizam o comboio para deslocar-se ao trabalho, visitar familiares ou divertir-se com os amigos. Infelizmente, actos de vandalismo estão a destruir este bem público, provocando avarias e sujeiras nas carruagens e também nas estações e via férrea. O comboio é o meio de transporte mais seguro, confortável e acessível a todas as camadas da população. Por isso, não destrua o que é de todos. Cuide bem dos comboios.



(300.015)



PEDIATRIA SECÇÃO DE CARDIOLOGIA

O hospital Pediátrico David Bernardino faz o diagnóstico das patologias e depois transfere, os doentes para o hospital Josina Machel ou a clínica Girassol para serem operados



JOANA SERROTE APOIO INCONDICIONAL

"A doença foi diagnosticada há seis meses e, durante esse tempo, o pai da criança nunca se responsabilizou pelo mesmo. Tenho sobrevivido graças o apoio dos vizinhos. Se não fosse o apoio dos vizinhos, provavelmente o meu neto já tinha morrido".

HOSPITAL PEDIÁTRICO DAVID BERNARDINO



O dese de quem por uma ao cor

O hospital pediátrico David Bernardino, entre 2002 a 2017, foram atendidas e sido operadas 2.720 na clínica de Israel, África do Sul

Arcângela Rodrigues
jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Micael Serqueira, 10 anos, sofre de cardiopatia, uma doença que o impossibilita de estudar e brincar, porque passa mais tempo no hospital do que em casa. Há dois anos, começou a ter os primeiros sinais da doença, com cansaço constante e dispneia. Confirmado o diagnóstico, foi internado no hospital Américo Boavida, onde recebeu tratamento. Dois dias depois de receber alta, voltou a ficar internado durante três semanas na mesma unidade hospitalar.

Assim que o seu quadro clínico melhorou, foi transferido para o hospital

pediátrico David Bernardino, onde a 16 de Outubro realizou a primeira consulta e foi submetido a um exame de ecocardiograma, tendo sido descobertas lesões no coração.

Face ao resultado, Micael Serqueira, aluno da terceira classe, vai ser submetido a uma intervenção cirúrgica e neste momento faz parte da lista de espera. Com o abdómen distendido, raquítico e dificuldades em respirar, disse que não consegue brincar, correr e jogar à bola, devido ao cansaço.

Debilitado, há dois meses deixou de ir à escola e não consegue dormir normalmente. Enquanto aguarda pela cirurgia

em casa, cumpre com a medicação e, em caso de crise, deve voltar ao hospital.

A mãe, Juliana Serqueira, 37 anos, recorda a primeira vez que o filho teve uma crise de cardiopatia. "Não me encontrava em casa, quando recebi uma chamada da minha mãe a dizer-me que o Micael tinha falecido", lembra.

O DESPERTAR DA "MORTE"

Atordoada e em prantos, Juliana Serqueira regressou a casa às pressas, onde foi informada que o filho tinha espumado pela boca e sangrado pelo nariz. "Peguei no meu filho para ver se ele ainda estava em vida, mas não deu nenhum sinal. Levámo-lo ao hospi-

"Em 85 por cento dos casos detectados não existe uma causa definida para as crianças nascerem com problema de cardiopatia.

Já 15 por cento apresentam como factores o consumo de bebidas alcoólicas, tipo de medicação ou hereditariedade. A cardiopatia é uma anomalia na estrutura do coração, presente desde o nascimento da criança. Ela pode ser congênita ou adquirida. Há sinais que podem ser detectados na criança ao nascer, dentro do útero da mãe ou através do exame de ecocardiograma. Depois de diagnosticado a patologia, maior parte dos casos necessitam de intervenção cirúrgica para correcção.

Pequenas percentagens de cardiopatia entre os ventrículos ou as aurículas, nem sempre necessitam de cirurgias, na medida em que podem se cicatrizar espontaneamente".



**JULIANA SERQUEIRA
FILHO ESCAPA DA MORTE**

"Peguei o meu filho para ver se ele ainda estava em vida, mas não deu nenhum sinal. Levamo-lo ao hospital, onde recebemos um papel para depositar o corpo na morgue. À caminho da morgue, a criança acordou. A minha vida nunca mais foi a mesma".



**MARTA JOSÉ
DESMAIOS E ATAQUES DE NERVO
MOTIVAM DIAGNÓSTICO**

"A Eliane apresentava pele roxa, febres constantes, desmaios e ataques de nervo. A primeira vez que ela teve crise, fomos parar à clínica Castelo, no Morro Bento, onde, depois de vários exames, foi detectado que ela tinha sopro no coração. Essa situação fez com que parasse de trabalhar por algum tempo".

CONTREIRAS PIPA | EDIÇÕES NOVEMBRO

**espero
n espera
a cirurgia
oração**

David Bernardino tem 596
era para cirurgia cardíaca. De
didas 11.274 crianças, tendo
clínica Girassol, em França,
Sul, Brasil e Portugal.

deixa faltar nada, como alimentação, vestuário, medicamentos e consultas. Quem também está na lista de espera, é o neto de Joana Serrote, 55 anos. Internada no hospital pediátrico David Bernardino há quatro meses, a criança padece de cardiopatia e queixa-se de dores no peito e no fígado.

A doença foi diagnosticada há seis meses e, durante esse tempo, segunda a avó, o pai da criança nunca prestou apoio. Joana Serrote garante que subsiste graças ao apoio dos seus vizinhos do Quilómetro 30, em Viana, onde mora. "Se não fosse o apoio dos vizinhos, provavelmente o meu neto já tinha morrido. São eles que contribuem para as despesas com o transporte, medicação, consultas e exames médicos", reconhece.

CIRURGIA SATISFATÓRIA

Eliane Manuel, 7 anos, foi operada ao coração na clínica Girassol há seis anos. A cirurgia foi um sucesso e a criança retomou as aulas, consegue brincar, correr e fazer educação física.

Aluna da segunda classe, Eliane Manuel não faz nenhum tipo de medicação, apenas consultas de rotina uma vez por ano. A mãe, Marta José, de 39 anos, explicou como descobriu a doença da filha: "A Eliane apresentava pele roxa, febres constantes, desmaios e ataques de nervos. A primeira vez que ela teve uma crise, fomos parar à clínica Castelo, no Morro Bento, onde, depois de vários exames, foi detectado que ela tinha sopro no coração."

Essa situação forçou-a a deixar de trabalhar por algum tempo, uma vez que passava mais tempo no hospital. Nessa altura, contou com a compreensão do chefe, que conhecendo a situação, apenas pedia os justificativos médicos.

"Todos os meses recebia o salário, mas não chegava para cobrir todas as despesas. Tive que contrair dívidas para pagar o tratamento dela", lembrou, realçando a importância do apoio da família na recuperação da filha. "Agora só temos de ter cuidado com a alimentação e o tipo de bebida que deve consumir", afirmou.

CONSULTAS EXTERNAS

A secção de consultas externas do hospital pediátrico David Bernardino tem todos os assentos ocupados. Os pacientes não param de chegar. O corre-



CONTREIRAS PIPA | EDIÇÕES NOVEMBRO

REGISTO Mais de 11 mil crianças foram atendidas na secção de Cardiologia da Pediatria de 2002 a 2017

dor também está cheio de crianças e acompanhantes.

Os doentes são atendidos de acordo com a ordem de chegada. O atendimento é célere. A secção de cardiologia pediátrica atende entre 20 a 25 crianças por dia. Deste número, pela primeira vez, quatro ou cinco apresentam problemas de cardiopatia. Os restantes são casos já diagnosticados.

A chefe da secção de Cardiologia Pediátrica, Sebastiana Gamboa, revelou que, de 2002 a 2017, foram atendidas 11.274 crianças, tendo sido operadas 2.720 na clínica Girassol, em França, Israel, África do Sul, Brasil e Portugal.

Este ano, apenas 50 crianças

foram operadas na clínica Girassol, devido à suspensão do serviço de cirurgia pediátrica. "Neste momento, 596 crianças estão na lista de espera para serem operadas. O hospital pediátrico não faz cirurgia cardíaca. As crianças são atendidas aqui, mas se é necessário operar são transferidas para o hospital Josina Machel ou a clínica Girassol, por serem as únicas unidades hospitalares que realizam este tipo de cirurgia", disse.

Sebastiana Gamboa frisou que, em 85 por cento dos casos detectados, não existe uma causa definida para as crianças nascerem com cardiopatia. Já 15 por cento apresentam como factores o consumo de bebidas al-

coólicas pelos progenitores, medicação ou hereditariedade.

A cardiopatia é uma anomalia na estrutura do coração, presente desde o nascimento. Ela pode ser congénita ou adquirida. Há sinais que podem ser detectados na criança ao nascer, dentro do útero da mãe ou através do exame de ecocardiograma. Depois de diagnosticada a patologia, na maior parte dos casos é necessária uma intervenção cirúrgica para correcção.

Sebastiana Gamboa afirmou que pequenas percentagens de cardiopatia entre os ventrículos ou as aurículas, nem sempre necessitam de cirurgia, na medida em que as lesões podem cicatrizar espontaneamente.



**Eliane
Manuel**

tal, onde recebemos um papel para depositar o corpo na morgue. A caminho da morgue, a criança acordou", conta emocionada.

Desde que descobriu a doença do filho, a vida de Juliana Serqueira nunca mais foi a mesma. Moradora no município do Cacucaco, abandonou o negócio de muambeira para cuidar do filho. Toda a sua atenção é voltada para Micael, uma situação que, revela, tem causado algum ciúme aos outros quatro filhos.

Felizmente, além da família, tem a seu lado o marido que, mesmo não sendo o pai biológico de Micael, não lhe

MUITOS ACABAM POR MORRER

A ESPECIALISTA reconheceu que tem sido difícil lidar com crianças portadoras de cardiopatia, na medida em que a maior parte das famílias é de baixa renda, o que faz com que muitos doentes fiquem durante muito tempo em lista de espera, acabando mesmo por morrer sem realizar a operação.

Sebastiana Gamboa salientou a necessidade de manter os serviços de cirurgia cardíaca em permanente actividade. "Todos os dias nascem crianças com cardiopatia congénita e necessitam de uma cirurgia urgente. O processo para a cirurgia ainda é demorado, os custos são muitos elevados para o Estado e só com uma ordem do Ministério da Saúde conseguimos enviar as crianças para a Junta Nacional de Saúde ou para a clínica Girassol", explicou.

A área de cardiologia pediátrica do hospital David Bernardino funciona com três médicos, numa altura em que mães desesperam por

não terem recursos para assegurar o tratamento dos filhos. "Umás, porque não têm dinheiro para o táxi para chegar ao hospital", disse a médica.

Os exames de ecocardiograma e os medicamentos são entregues de forma gratuita aos pacientes com cardiopatia. **AR**

CONTREIRAS PIPA | EDIÇÕES NOVEMBRO



CARDIOLOGISTA Sebastiana Gamboa



JOSÉ KIPANDA PONTUAL PARA A AUDIÇÃO

José Kipanda, ex-marido de Beatriz Fernandes, foi ouvido durante quatro horas, na condição de declarante. Diante da juíza da causa, o declarante, que chegou ao tribunal horas antes do início da sessão, era um homem preocupado e transpirava.



JULGAMENTO FAMÍLIA DE MUXITO AUSENTE DO TRIBUNAL

Único declarante do dia, José Kipanda fez-se acompanhar do seu advogado, amigos e familiares. Da parte de Beatriz, estiveram presentes quatro irmãos e mesmo número de primos. Ninguém esteve a representar a família de Jomance Muxito.

CASO BEATRIZ E JOMANCE

Depoimento do ex-marido em tribunal marcado por contradições e acusações

Dois dos suspeitos do duplo assassinato são vizinhos do tio do ex-marido da apresentadora de televisão, um facto que José Kipanda afirma desconhecer

Yara Simão

jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

O Tribunal Municipal de Viana marcou para às 10 horas de quinta-feira, 31 de Outubro, a apresentação das alegações e discussão dos quesitos do julgamento dos suspeitos de assassinato, há um ano, da apresentadora da Televisão Pública de Angola (TPA), Beatriz Fernandes e do jovem Jomance Muxito.

Na última sessão, realizada a 24 de Outubro, José Kipanda, ex-marido de Beatriz Fernandes, foi ouvido durante quatro horas, na condição de declarante. Perante o juiz da causa, José Kipanda, que chegou ao tribunal horas antes do início da sessão, era um homem preocupado e transpirava por dois motivos. Segundo ele, primeiro, porque a sala não dispunha de janelas e o ar condicionado estava desligado e, segundo, por ser ouvido na condição de declarante.

Único declarante do dia, José Kipanda fez-se acompanhar do seu advogado, familiares e amigos. Da parte de Beatriz Fernandes, estiveram presentes quatro irmãos e igual número de primos. Ninguém esteve a representar a família de Jomance Muxito.

José Kipanda recordou Beatriz Fernandes como uma “mulher de bom coração”, sem algum tipo de inimizades. O ex-marido da jornalista referiu que, até ao fatídico dia, desconhecia a existência de uma suposta relação amorosa da antiga companheira com outro homem. Em jeito de desaprovação, os familiares de Beatriz Fernandes abanavam a cabeça e murmuravam.

“Na casa mortuária, ouvi da Suely, irmã da malograda, em conversa com as senhoras Jó e Nádia, que Beatriz tinha uma relação amorosa com o senhor Mário”, disse.

Questionado sobre o motivo da separação, José Kipanda respondeu que uma briga de casal esteve na base disso, mas esperava reatar a relação a

qualquer momento. Na sequência de perguntas a que foi sujeito, revelou que não havia recebido nenhuma notificação para se apresentar ao Tribunal de Família.

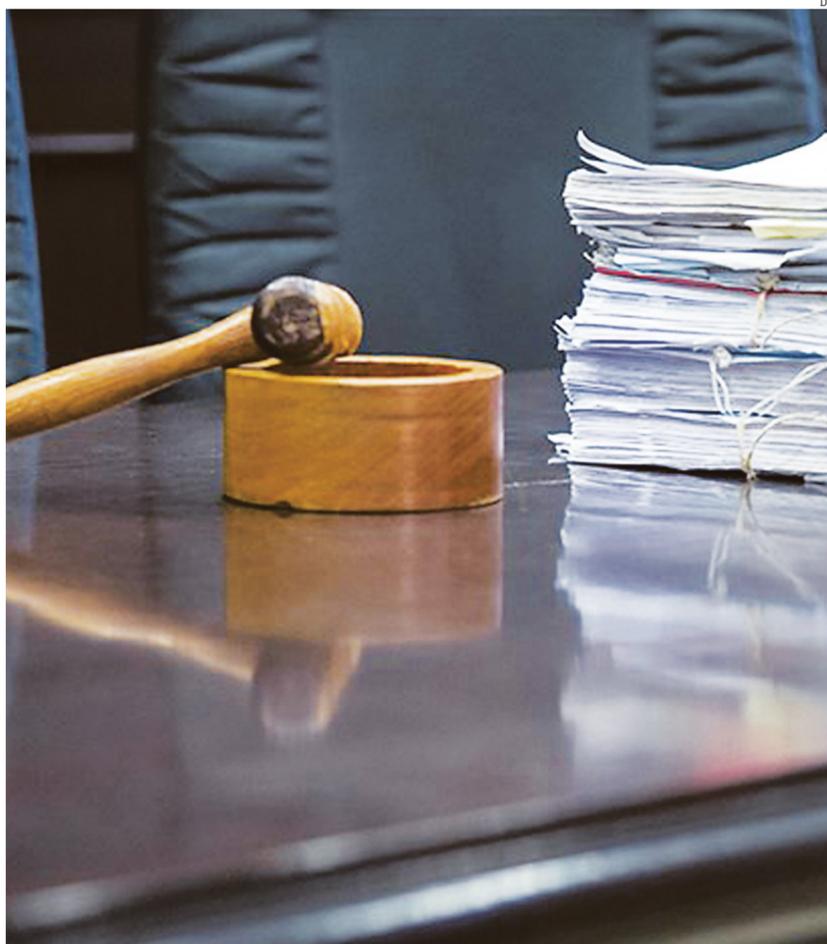
Diante da juíza, o declarante lembrou ter vivido entre quatro a cinco anos com a malograda, informação, entretanto, rejeitada pela juíza ao aperceber-se que as datas não batiam certo. Segundo a juíza, José Kipanda estava a contradizer-se, pois não conseguia dizer ao certo os anos que partilhou o mesmo tecto com Beatriz Fernandes. Em vários momentos, o declarante disse desconhecer muitas atitudes da ex-mulher. “A minha mulher era muito possessiva. Ela queria que as coisas só fossem do jeito

dela”, salientou. Beatriz Fernandes “era uma grande mulher”, reafirmou em seguida.

Apesar de afirmar que a relação com a malograda era boa, admitiu a existência de alguns desentendimentos, que levaram Beatriz Fernandes a apresentar queixa numa unidade policial, mas sem resultados práticos.

Entre perguntas e respostas, afirmou que durante o período de separação chegaram a viver no mesmo condomínio, mas em casas separadas e assumiu que mantinham contacto pessoal.

Sobre os filhos, José Kipanda alegou que, para atenuar o trauma da morte da mãe, estão a estudar na Inglaterra, país onde, igualmente, estão a ser acompanhados por um psicólogo.



DEPOIMENTO Ex-marido alega que desconhecia caso amoroso de Beatriz

“Não consigo entender o que aconteceu. No princípio pensei que havia um mandante do crime pela forma como ela foi morta, mas depois com os relatos da polícia comecei a ficar mais esclarecido, porque afirmaram que os réus eram reincidentes. Ela estava no lugar errado e na hora errada”

PROCESSO DE INVENTÁRIO

INSTADO a dizer quem movimenta as contas da malograda, o declarante respondeu que ninguém, na medida em que está depositado um processo de inventário na Sala de Família e garantiu não ter em sua posse qualquer cartão multicaixa em nome da malograda.

Beatriz Fernandes deixou cinco residências, sendo que uma está arrendada e outra era habitada pelo ex-marido. “Tomei conhecimento que a casa estava a ser vandalizada e que as irmãs da Beatriz Fernandes estavam a tirar alguns artigos da residência”, acusou.

José Kipanda afirmou desconhecer os réus envolvidos no crime. Sobre a coincidência dos réus Adilson e Wilson serem vizinhos do seu tio no Zango, também disse desconhecer esse facto.

Emocionado, disse não entender a violência contra a antiga companheira, quando questionado sobre a forma brutal como Beatriz Fernandes foi assassinada.

“Não consigo entender o que aconteceu. No princípio, pensei que havia um mandante do crime pela forma como ela foi morta, mas depois, com os relatos da polícia, comecei a ficar mais esclarecido, porque afirmaram que os réus eram reincidentes. Ela estava no lugar errado e na hora errada”, enfatizou.

O gestor de contas José Kipanda foi administrador do condomínio Ginga Cristina durante seis anos e tinha um salário de 350 mil kwanzas, com um prémio de mais 100 mil. Actualmente está desempregado.



**NOVOS CASOS
AUMENTO
DA MORTALIDADE**

Dados publicados pela Organização Mundial da Saúde (OMS) estimam que existam dois milhões de casos novos no mundo e 8,8 milhões de pessoas morrem todos os anos em decorrência de algum tipo de cancro. Deste número, 70 por cento vivem em países de média ou baixa renda.



**RASTREIO
ESTILO DE VIDA**

O cancro está muito associado ao estilo de vida, embora cinco a dez por cento dos casos diagnosticados aparentam características genéticas, que, caso confirmadas, obrigam a um acompanhamento médico precoce e cuidados redobrados das famílias.

Yara Simão

jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

OUTUBRO ROSA

Sensibilizar a população e disseminar a informação sobre a importância da prevenção e diagnóstico precoce do cancro da mama, continua a ser o melhor método para se evitar o surgimento da doença.

Por ocasião do Dia Nacional da prevenção contra a doença, a comemorar-se amanhã, várias campanhas de rastreio do cancro da mama estão a decorrer em vários municípios e distritos de Luanda.

No bairro Nelito Soares mais de 683 pessoas, dos 15 aos 70 anos, beneficiaram de consultas gratuitas na feira contra o cancro da mama, que decorre no Largo do Soweto, defronte o Instituto Médio Industrial de Luanda (IMIL).

Organizada pela Direcção Nacional de Saúde Pública, em parceria com a Fundação Mulher Contra o Cancro, a feira registou mais de 203 medições da pressão arterial, cerca de 110 testes de hepatite e mais de 80 de VIH/Sida, todos com resultados negativos.

Na área de medicina foram atendidas cerca de 105 pessoas, das quais 71 receberam medicamentos, e 16 no serviço de saúde mental, que fizeram consulta psicológica. Foram realizadas 99 mamografias que detectaram dez casos suspeitos de cancro, encaminhados para o Instituto de Controlo do Cancro para diagnóstico diferencial e posterior tratamento.

Outubro Rosa é um programa criado para alertar as mulheres para a necessidade da prevenção, visando a redução significativa do número de óbitos por cancro da mama. Neste âmbito a campanha de rastreio também abrangiu um total de 110 vendedoras do do mercado do Kifika. Além do rastreio do cancro da mama, foi realizada uma palestra sobre "Os sinais e sintomas do cancro da mama".

AUTO-EXAME

A oncologista Ilda Sebastião foi a oradora principal disse que as mulheres, depois dos 20 anos, com histórico de cancro na família, ou com mais de 40 anos, devem realizar o auto-exame da mama para prevenir e diagnosticar precocemente à doença.

A especialista lembrou que o auto-exame da mama deve ser feito oito dias após a menstruação, mas no caso de mulheres idade avançada deve ser escolhido um dia certo no mês para fazerem o auto-exame.

Quanto aos sinais e sintomas, apontou as alterações na pele da mama, o aumento de uma das mamas, feridas

ao redor do mamilo, caroços nas mamas e secreções pelos mamilos, como principais sinais de alerta.

Referiu que o auto-exame da mama é a melhor forma de conhecer a anatomia dos seios, a medida em que ajuda a identificar rapidamente alterações que possam indicar o desenvolvimento do cancro.

O cancro está muito associado ao estilo de vida, embora cinco a dez por cento dos casos diagnosticados aparentam características genéticas, que, ca-

s o confirmadas, obrigam a um acompanhamento médico precoce e cuidados redobrados das famílias.

A campanha destaca que o cancro da mama é um problema de saúde pública, por ter uma alta mortalidade no Mundo, sendo as mulheres as principais vítimas, uma vez que apenas um em cada 100 tumores se desenvolve no homem.

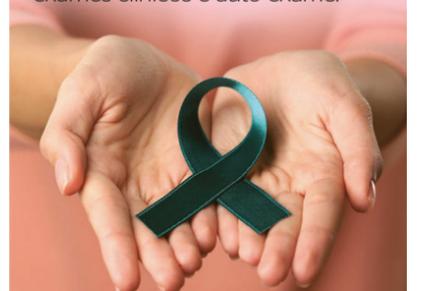
**Informação
é a melhor
forma
de prevenção
contra
o cancro
da mama**

Vários municípios de Luanda foram abrangidos pela campanha de rastreio do cancro e outras patologias

**MORTES
POR CANCRO**

DADOS publicados pela Organização Mundial da Saúde (OMS) estimam que existam dois milhões de casos novos no mundo e 8,8 milhões de pessoas morrem todos os anos em decorrência de algum tipo de cancro e, destas 70 por cento vivem em países de média ou baixa renda. Na região africana, o cancro da mama mata cerca de 450 mil pessoas todos os anos.

A OMS recomenda todos os países a implementarem programas de prevenção e controlo, baseado na redução da exposição aos factores de risco, rastreio pela mamografia, exames clínicos e auto-exame.



ANUNCIE NAS NOSSAS PUBLICAÇÕES



SEDE:

Edições Novembro, E.P.
 Rua Rainha Ginga, 12-26 Caixa Postal 1312 Luanda Telefone (PBX): +244 222 036578 | +244 222 036579 |
 Móvel 949 770006 Telegramas: Proangola
 www.edicoesnovembro.co.ao

PUBLICIDADE

Telefones: 926 406 929 / 925 134 301 / 923 409 613, e-mail: publicidade@jornaldeangola.com

HORÁRIO DE ATENDIMENTO

SEGUNDA A SEXTA-FEIRA DAS 8H ÀS 18H
 SÁBADO, DOMINGO E FERIADOS: DAS 9H ÀS 14H



EDIÇÕES NOVEMBRO

Paixão pela imprensa

LUANDA

O JORNAL METROPOLITANO DA CAPITAL



Um título independente



A vida da província de Luanda com muito mais conteúdo e dinamismo...



EDIÇÕES NOVEMBRO
Paixão pela Imprensa

fmca 2018
FEIRA DOS MUNICÍPIOS E CIDADES DE ANGOLA
21-24 NOVEMBRO
BENGUELA • ESTÁDIO NACIONAL DE OMBAKA

INSCRIÇÕES ABERTAS
"A VIDA FAZ-SE NOS MUNICÍPIOS"
PROVÍNCIAS • MUNICÍPIOS • MINISTÉRIOS
REPRESENTAÇÕES EMPRESARIAIS

EM SIMULTÂNEO
FÓRUM DOS MUNICÍPIOS E CIDADES DE ANGOLA
22-23 NOVEMBRO
BENGUELA • ESTÁDIO NACIONAL DE OMBAKA
Tel.+(244) 929 378 261|932 020 970| 921 385 528
geral@fmca.co.ao
www.fmca.co.ao
www.mat.gov.ao



CLASSIFICADOS

Quer comprar?
Quer vender?
Quer arrendar?

NÃO PERCA TEMPO. ANUNCIE AQUI O SEU NEGÓCIO.

Mais informações

Atendimento
Rua Rainha Ginga, 18/24 - Luanda
de Segunda a sexta-feira, das 8h00 às 18h00,
Sábados, Domingos e Feriados, das 9h00 às 14h00
E-mail: publicidade@jornaldeangola.com
www.jornaldeangola.co.ao/classificados



EDIÇÕES NOVEMBRO
Paixão pela Imprensa

925 134 301 / 912 206 159 / 923 409 613



FALTA DE INFRA-ESTRUTURAS HABITAÇÕES CRESCERAM DE FORMA DESORDENADA

O crescimento populacional apanhou desprevenidas as autoridades, que não conseguiram criar as infra-estruturas necessárias antes da população começar a construir as habitações. A desorganização causa elevados problemas de urbanização e défice no fornecimento de energia.



RUI DOMINGOS LAGOA É USADA PARA DIVERSÃO

“Os meus pais desconhecem que utilizo a lagoa como local de diversão. Depois da escola e de fazer a tarefa, venho tomar banho e apanhar peixe. A lagoa não é funda, mas precisamos de ter cuidado por causa do lodo”.

BAIRRO SANTO ANTÓNIO

JOÃO PEDRO | EDIÇÕES NOVEMBRO

Noites claras no “Povoado”

As noites no bairro Santo António são movimentadas. A via principal que liga o KK 5000 ao Estádio 11 de Novembro é o cenário principal para a diversão nocturna. Locais como o Baratão do KK, Tuafeni Shopping e Venafel Reencontro são pontos de concentração de jovens que, de sexta a domingo, procuram todo o tipo de divertimento



João Pedro

jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Nas imediações da Cidade do Kilamba existe um bairro a que deram o nome de Santo António. À primeira vista, o nome pode ser desconhecido para muitos. Mas quando se fala em “Povoado”, os amantes dos prazeres que a vida nocturna de Luanda oferece já sabem do que se trata.

Locais como o Baratão do KK, Tuafeni Shopping e Venafel Reencontro

são pontos de concentração de jovens que, de sexta a domingo, procuram por todo o tipo de diversão.

O ponto mais famoso é o “Povoado”. Apesar de ter deixado de funcionar, deixou fama e boas recordações para os amantes da vida nocturna. Por isso, hoje, falar de “Povoado” é falar de Santo António. Ao lado, surgiu agora o Venafel Reencontro, um espaço que marca a diferença e está sempre lotado com uma clientela diversificada.

As jovens prostitutas são a principal atracção da via principal. Perfiladas, elas exibem os seus atributos fí-

A agitação instalou-se na pequena pracinha, próximo da estrada principal, nas imediações do KK 5000, onde agentes do Serviço de Migração e Estrangeiros (SME), em parceria com a Polícia Nacional, deteve vários estrangeiros, na sua maioria da República Democrática do Congo.

sicos no sentido de atrair clientes e os automobilistas que por ali passam. Ousadas e com roupas minúsculas, não se inibem com a presença dos agentes da Polícia Nacional, cuja esquadra fica a poucos metros de 100 metros do local.

No “Povoado” encontramos jovens provenientes de vários bairros de Luanda. Um, depois de lerem o logotipo de identificação da nossa viatura, fugiram. Outras, na ânsia de ganhar alguns trocados, chegaram até nós para anunciarem os seus serviços.

Cada uma a seu jeito, conta uma história para justificar o seu modo de



AMANTES DA NOITE JOVENS PROCURAM TODO TIPO DE DIVERSÃO

Locais como o Baratão do KK, Tuafeni Shopping e Venafel Reencontro são pontos de concentração de jovens que, de sexta a domingo, procuram por todo o tipo de diversão. O ponto mais famoso é o "Povoado".



CRESCIMENTO POPULACIONAL VENDA DE TERRENO A BAIXO PREÇO

Localizado no município de Belas, o bairro Santo António regista um grande crescimento populacional, devido à venda de terrenos a baixo preço. Uma parcela com 20/30 metros custa um milhão e 500 mil kwanzas. Entretanto, o crescimento acontece de forma desordenada.

A última época chuvosa deixou marcas nas zonas baixas do bairro São António, com a criação de duas enormes lagoas. Os adultos estão apreensivos porque as águas paradas atraem mosquitos.

vida. Os trajes curtos atraem potenciais clientes, que geralmente chegam de carro. Nesse momento a persuasão conta muito.

Mal parámos o carro, aproximaram-se duas jovens. Uma delas, sem rodeios, anunciou os seus serviços: "Oi amigo, tudo bem, queres aliviar o stress? São quatro mil kwanzas. Bom trabalho, não vais-te arrepender."

Surpreendidos com a ousadia da jovem, explicámos que estávamos ali em serviço. Mas elas não queriam perder tempo a conversar connosco. Estavam ali para trabalhar e ganhar algum dinheiro para o seu sustento.

Um pouco mais à frente, uma jovem entra numa viatura de todo-o-terreno. Tudo acertado, seguiram em direcção a uma hospedaria.

Depois de muita insistência, uma jovem aceitou falar ao *Luanda, Jornal Metropolitano*. Carla Lourdes (nome fictício), órfã de pai desde os oito anos, viu na prostituição a melhor alternativa para sustentar a mãe e os irmãos. Com 25 anos e de trato fácil, esbanja simpatia, beleza e um corpo que atrai a atenção dos homens que ali vão em busca de prazer. "Dependendo do dia, posso levar para casa cerca de 50 mil kwanzas", revela.

Mas a vida de prostituta não tem sido um mar de rosas para Carla Lourdes e companheiras. Elas sofrem maus tratos às mãos de clientes que se negam a pagar depois de concluir o acto sexual.

No "Povoado" também encontramos prostitutas provenientes da República Democrática do Congo. Essas cobram, em dias normais, dois mil kwanzas por uma "rápida" e, nos dias com menos clientes, bastam 1.500 kwanzas.

Se o cliente não puder pagar um quarto numa hospedaria, existem os chamados "operativos", guardas de estabelecimentos comerciais que colocam esses locais à disposição das prostitutas, que dispõem de colchões e lençóis, mediante o pagamento de 300 kwanzas.

Eram 23 horas e a noite prometia muita diversão recheada de álcool, droga e sexo, muito sexo. São assim todas as noites no "Povoado" Santo António.

OPERAÇÃO RELÂMPAGO DO SME

A agitação instalou-se na pequena pracinha, próximo da estrada principal, nas imediações do KK 5000, onde agentes do Serviço de Migração e Estrangeiros (SME), em parceria com a Polícia Nacional, deteve vários estrangeiros, na sua maioria da República Democrática do Congo, que

trabalhavam em estabelecimentos comerciais de forma irregular.

A operação relâmpago apanhou desprevenidos alguns estrangeiros em situação ilegal que não conseguiram pôr-se em fuga, tendo sido levados numa viatura todo-o-terreno para parte incerta. **JP**



NEGÓCIO No período da tarde é intensa a movimentação em especial de mulheres que colocam bancadas para a venda de produtos diversos

CRESCIMENTO POPULACIONAL

O BAIRRO SANTO ANTÓNIO regista um grande crescimento populacional, devido à venda de terrenos a baixo preço. Uma parcela com 20/30 metros custa um milhão e 500 mil kwanzas.

Eduardo Pedro e o seu irmão Miguel são pedreiros de profissão. Quando visitámos o "Povoado" estavam a construir o muro de um terreno. Ambos reconhecem que o bairro está a registar um crescimento rápido, mas de forma desordenada. Apontam como exemplo a construção de um quintal que invadiu um metro da via pública. Infelizmente, lamentam, a fiscalização nada faz para acabar com essa desordem.

"Devido a essa atitude, temos um bairro com becos e ruelas intransitáveis", disse Eduardo Pedro. O pedreiro sugeriu uma intervenção da Administração Municipal de Belas para orientar a construção de habitações.

As inúmeras construções inacabadas são um sinal do desejo de muitos habitantes do município em realizar o sonho da casa própria. Com as obras paradas, essas habitações foram transformadas em abrigos de marginais.

Para Martins Filipe, morador do bairro, o crescimento populacional apanhou desprevenidas as autoridades, que não conseguiram criar as infra-estruturas necessárias antes da população começar a construir as habitações.

Há cinco anos no Santo António, Martins Filipe diz que a desorganização causa elevados problemas de urbanização e défice no fornecimento de energia eléctrica e abastecimento de água potável e, consequentemente, o aumento da delinquência.

CHUVA CRIOU DUAS LAGOAS

A última época chuvosa deixou marcas nas zonas baixas do bairro São António, com a criação de duas enormes lagoas. Os adultos estão apreensivos porque as águas paradas atraem mosquitos, ao contrário das crianças que realizam saltos acrobáticos, sem medirem o perigo que as rodeia.

Despertado pela presença da equipa de reportagem deste jornal, Rui Domingos saiu da água e dirigiu-se a nós. Aluno da 4.ª classe, confessou que os pais desconhecem que ele utiliza a lagoa como local de diversão.

"Depois da escola e de fazer a tarefa, venho para a lagoa tomar banho e apanhar peixe. A lagoa não é funda, mas precisamos de ter cuidado por causa do lodo", disse.

As cegonhas aproveitam o local para se alimentarem de pequenas larvas abun-

dantes, mas quando estão distraídas são apanhadas pelos rapazes com mais habilidade e agilidade.

No período da tarde, a actividade no bairro aumenta. As mulheres instalam bancadas à porta de casa para vender produtos diversos. O trânsito rodoviário é intenso, visto que as vias dão acesso aos bairros Bitá, Mutamba e outros. **JP**



DIVERSÃO Crianças nadam na lagoa apesar dos perigos

VENTOS DO SUL

JORNAL REGIONAL DA HUÍLA, NAMIBE, CUNENE E CUANDO CUBANGO

O Jornal que aborda o dia-a-dia das Províncias da Huíla, Namibe, Cunene e Cuando Cubango.

Propriedade da



EDIÇÕES NOVEMBRO
Paixão pela imprensa

centrooptico

Você nunca viu nada assim

TALATONA

Centro Comercial Espaço Avenida
Rua do Centro de Convenções S8.



Os melhores produtos e serviços, cada vez mais perto de si.

TEMOS LOJAS EM:

Zé Pirão | Golf 2 | Viana | Cacuaco | Nova Vida | Zango
Mutamba | Samba | Gamek | Aeroporto doméstico

+244 923 400 300

[/centroopticoangola](#)

[/centrooptico_angola](#)

[centroopticoangola.com](#)

INAUGURAÇÃO
OFERTA ESPECIAL

MENOS

10%

TODOS OS
PRODUTOS

Campanha válida na loja de
Talatona até dia 03 Nov 2018

TAXA DE LIMPEZA DE LUANDA

EMPRESAS E CONDOMÍNIOS:

-Transferência Bancária ou
Internet Banking nos Bancos

KEVE, BFA, BAI, BNI E FINIBANCO

-Depósito no BCI, Conta nº

3995701710001 (Apresentar comprovativo / GPL)

Telf: 947 423 911 e 996 577 545

PAULO MIRANDA Jr.

**PAGUE JÁ A TAXA DE LIMPEZA
E CONTRIBUA PARA A BELEZA DA NOSSA PROVÍNCIA**

Linhas de Apoio do GPL

923166757

226426242

whatsapp

995237464

TESTE

Desafio

Os animais

1 - O **leão** é uma espécie de mamífero carnívoro do género *Panthera*. A sua espécie é actualmente encontrada na África subsaariana e na Ásia, com uma única população remanescente em perigo, no Parque Nacional da Floresta de Gir, Gujarat, Índia. A que família pertence?

- A- Bovidae
- B- Equidae
- C- Felidae
- D- Cervidae

Órgãos do corpo humano

2 - Os órgãos do sistema nervoso são responsáveis pela comunicação do organismos, ou seja, eles exercem o controlo dos movimentos voluntários e involuntários do corpo, emitindo e captando estímulos e mensagens. Marque com X os órgãos que o constituem.

- A- Cérebro
- B- Cerebelo
- C- Tireoide
- D- Medula espinhal
- E- Fígado

Museus

3- O **Museu Nacional de Antropologia** localiza-se no bairro dos Coqueiros, em Luanda. Foi a primeira instituição museológica criada após a independência de Angola. Em que ano foi fundado?

- A- 1977
- B- 1856
- C- 1976
- D- 2000

RESPOSTAS

32- USO. 33- FINO. 35- BUG. 37- MI. 39- IN. 40- DL. CAR. 26- COR. 27- PAPA. 28- SEARA. 30- LAGOA. 18- NIVEL. 19- CIA. 20- RASPA. 22- ADEGA. 25- EDU. 8- OLEIRO. 9- EU. 10- RÁPIA. 12- ROL. 16- METAL. 1- AGORA. 2- ML. 3- BAIÁ. 4- OCA. 5- I. 6- MACOA.

Verticais

36- MA. 38- ORIUNDO. 41- LIRA. 42- ANGOLA. 29- PL. 31- ALUGUER. 33- FAA. 34- CASA. 35- BI. 23- TRAZ. 24- VEDA. 26- CAOS. 27- PEDE. 28- SOL. 15- COME. 17- RNA. 19- COLÉRIA. 21- AL. 22- AIA. 1- AMBOM. 7- MOER. 11- GLACIAR. 13- LUA. 14- IA.

Horizontais

2- A- Cérebro; 2- B- Cerebelo; 2- D- Medula espinhal; 3- C- 1976.

Desafio:

1- C- Felidae;

Cartoon

Armando Pululo



Curiosidades



A maior Universidade do país

A Universidade Agostinho Neto (UAN) é uma instituição de ensino superior pública angolana. Está localizada em Luanda e é considerada a maior e a mais influente universidade do país.

A sua estrutura universitária remonta ao período colonial. No entanto, foi após a Independência do país que se estabeleceu como universidade do Estado, ou seja, aquela que deveria formar a base intelectual de Angola, criando uma rede de faculdades cobrindo todo o território nacional. É hoje referência no ensino superior angolano, abrigando, na sua estrutura orgânica, sete faculdades, uma escola superior e dois institutos superiores.

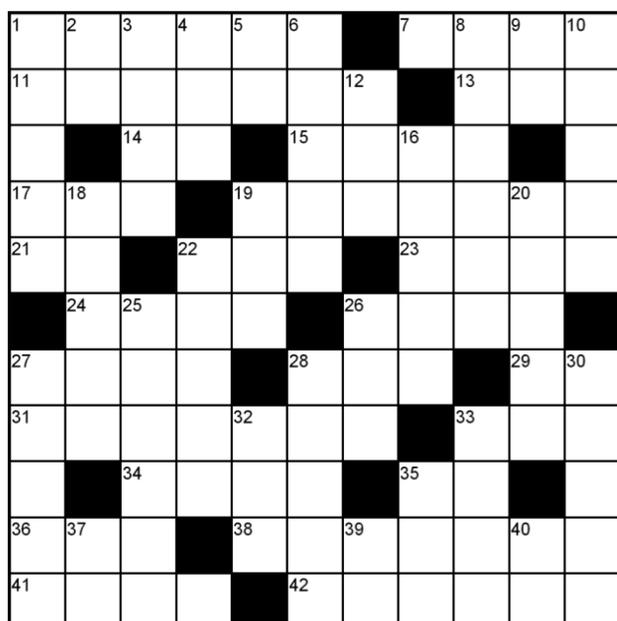
Na sequência de uma reforma realizada em 2008-2009, a sua competência foi limitada às províncias de Luanda e do Bengo. A UAN compreende, portanto, apenas a sua sede e faculdades situadas em Luanda bem como o pólo de Viana. As demais faculdades localizadas noutras províncias foram agrupadas em universidades regionais autónomas. Mesmo depois desta redução drástica, a UAN continua a ser a maior Universidade de Angola.

A tradição universitária de Angola e da UAN pode ser remontada ao período colonial, com o estabelecimento dos primeiros cursos universitários da colónia. Embora estes so-

fressem grandes percalços no seu estabelecimento e funcionamento, vale destacar que alcançaram consideráveis resultados, se comparados a outras experiências universitárias nas colónias africanas.

A Faculdade de Medicina da Universidade Agostinho Neto reclama ser a sucessora da Aula de Medicina e Anatomia de Luanda, criada pela Carta Patente de D. Maria I, em 24 de Abril de 1789, sob o comando do médico José Pinto de Azeredo, sendo portanto a instituição orgânica mais antiga da UAN (embora que a Aula de Geometria e Fortificação, o primeiro curso de Engenharia da África Subsaariana, seja datada de 1699).

Palavras Cruzadas



Horizontais

1- Município da província do Cuanza-Sul. 7- Reduzir a pó. 11- Grande massa de gelo que se conserva durante vários anos. 13- Miradouro da (...), conjunto de falésias no município da Samba, em Angola. 14- Caminhava para lá. 15- Mastiga e engole. 17- Rádio Nacional de Angola. 19- Tira de couro ou de outro material, que se põe ao pescoço de alguns animais. 21- Nesse lugar. 22- Camareira. 23- Conduz para cá. 24- Guarnece com vedação. 26- Desordem. 27- Solicita. 28- Estrela. 29- Plural (abreviatura). 31- Arrendamento. 33- Forças Armadas Angolanas. 34- Edifício para habitação. 35- Prefixo (duas vezes). 36- Gosta muito. 38- Proveniente. 41- Símbolo da música. 42- País do Sul de África, situado na costa ocidental, na transição entre a África Central e a África Austral.

Verticais

1- Neste momento. 2- Mililitro (abreviatura). 3- Divisória. 4- Vazia. 5- O número dois em numeração romana. 6- Peixe que se encontra na costa de Angola. 8- Aquele que trabalha o barro. 9- A minha pessoa. 10- Criança do sexo masculino. 12- Lista. 16- Dinheiro (figurado). 18- Instrumento que serve para verificar se um plano está horizontal. 19- Serviços Secretos dos EUA. 20- Pequena lasca. 22- Casa térrea onde se guarda o vinho e outras provisões. 25- Instruir. 26- Tinta de pintar. 27- Relativo ao Papa. 28- Campo de cereais. 30- Pequeno lago. 32- Costume. 33- Delgado. 35- Funcionalidade de aplicações ou de peças de hardware, não desejada e não intencional, que provoca um mau funcionamento. 37- Terceira nota musical. 39- Na moda. 40- Decílitro (abreviatura).

Cinema

CINEMAX/Kilamba

Semana: 26 de 10 a 01 de 11

• Título: **Halloween**
Sala (VIP)
• Género: **Terror, Suspense**
• Sessões: 13h00/15h30/18h00 / 20h30/ 23h00*



• Título: **Hunter Killer**
• Género: **Ação**
(sala 1)
• Sessão: 13h00/ 15h40 / 18h20/21h10/ 23h50*
*Apenas dias 26, 27 de Outubro e 1 de Novembro.



• Título: **O Primeiro Homem na Lua**
• Género: **Drama** (sala 2)
• Sessão: 13h00/ 15h50

Título: Especial Halloween. Annabelle 2: A Criação do Mal. The Nun: Freira Maldita Hereditária Um Lugar Silencioso. Insidious: A Última Chave. O Pequeno Vampiro. Hotel Transylvania 3: Umás Férias Monstruosas VP

• Título: **Reprisal: Contra-Ataca** (sala 3)
• Género: **Animação**
• Sessões: 13h10/15h20/ 17h30 / 19h40/21h50*
Filme Esquebra – 800 Kz
*Apenas dias 26, 27 Outubro e 1 de Novembro.

• Título: **Beatriz e Romeu VP** (sala 4)
• Género: **Animação**
• Sessões: 14h00/16h10/ 18h10

• Título: **A Turma da Noite** (sala 4)
• Género: **Comédia**
• Sessões: 20h10** / 22h40*
*Apenas dias 26, 27 Outubro e 1 de Novembro.

• Título: **Venom** (sala 5)
• Género: **Ação**
• Sessões: 13h50 / 16h20** / 18h50** / 21h20**
*Excepto 31 Outubro



**FLÁVIO FERRÃO
SABEDORIA E MUDANÇA**

“As dificuldades serviram para nos munir de sabedoria e mudança e é o que todos nós temos feito regularmente. Criar condições dentro das poucas estruturas que temos, apresentar o teatro com dignidade e acima de tudo contribuir para um pensamento e uma cultura melhor do nosso povo, é a nossa maior vitória”.



**DIRECÇÃO ARTÍSTICA
ESPAÇO CONQUISTADO
NO SEIO DO PÚBLICO**

Pessoa de trato fácil, serena, carismática, simpática e pouco ansiosa, Flávio Ferrão dirige há 18 anos o colectivo de teatro Henrique Artes. Ao longo desse percurso enfrentou inúmeras dificuldades para ganhar espaço e conquistar o público. Hoje, encara o teatro como se fosse uma mulher que tanto ama.

FLÁVIO FERRÃO

DOMBELE BERNARDO | EDIÇÕES NOVEMBRO

História de vida preenchida de encenação

Manuela Mateus

jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Flávio Ferrão é um amante confesso das artes cénicas. Encenador e ao mesmo actor, iniciou a carreira com a participação em peças de teatro no longínquo ano de 1997. Dessa época, tem presente as actuações no grupo teatral “LAAI ROI”, então com a direcção artística do encenador Carlos Araújo.

“Cheguei a participar em duas peças, nomeadamente ‘Um outro tipo de violência’ e ‘Loanda a Luanda eleições autárquicas’”, recorda. Com a extinção do “LAAI ROI” e a experiência adquirida como actor, Flávio Ferrão, então estudante do ensino médio no colégio Henrique Artes, cria em 2000 o colectivo de teatro que recebeu o nome da instituição escolar.

O objectivo, segundo explicou, era apresentar peças de teatro somente com alunos da instituição no final de cada ano lectivo. Dar apoio aos jovens que apresentavam um futuro artístico promissor constituía também uma das finalidades do projecto.

“A partir daí, começámos a desenvolver um árduo trabalho e a investir seriamente nos actores e com as sucessivas apresentações nos espectáculos realizados em Luanda foi-nos dada experiência e motivação”, realçou.

Pessoa de trato fácil, serena, carismática, simpática e pouco ansiosa, Flávio Ferrão dirige há 18 anos o colectivo de teatro Henrique Artes. Ao longo desse percurso enfrentou inúmeras dificuldades para ganhar espaço e conquistar o público. Hoje, encara o teatro como se fosse uma mulher que tanto ama.

Para si, basta mostrar com gestos que ama o que faz e, diante disso, está convicto de que tudo que oferece em benefício da arte terá reciprocidade. Entre os principais obstáculos, aponta a falta de espaços adequados para representar, condições técnicas para trabalhar e a pouca valorização do teatro pela sociedade enquanto arte.

“As dificuldades serviram para nos munir de sabedoria e mudança e é o que todos nós temos feito regularmente”, garante. “Criar condições dentro das poucas estruturas que temos, apresentar o teatro com dignidade e acima de tudo contribuir para um pensamento e uma cultura melhor do nosso povo, é a nossa maior vitória”, prosseguiu. Flávio Ferrão tem dificuldade em descrever os melhores momentos do grupo composto por cerca de duas dezenas de membros. Admite que foram inúmeros e marcados por muitos êxitos e convivência salutar.

“Formamos uma família, todos conhecemos os bons e maus hábitos de cada membro do grupo e fica difícil admitir outro membro”, considerou. O encenador conta que entre os bons

momentos, surgiram também os ruins. Houve choques entre colegas, mas isso serviu de lição, desenvolveu sabedoria e mudanças, mostrando como se podem ultrapassar os problemas e dar a volta por cima.

“Para mim, o momento mais alto é este, porque passámos a conhecer-nos como homens e a respeitar-nos. Cada um sabe onde é o seu limite, a sua liberdade, e isso é salutar para que as nossas relações sejam prósperas a nível artístico”, frisou.

PRÉMIOS E ESPECTÁCULOS

Flávio Ferrão vive apenas do teatro. Além de escrever textos para o colectivo Henrique Artes, monta espectáculos, quando solicitado por outras pessoas.

“Vendo textos a vários grupos e não só. O nosso maior problema é o foco. Às vezes é preciso acreditar e ter visão de saber gerir a própria vida. Não posso comparar a minha forma de viver à de um empresário bem sucedido, são posições completamente diferentes e precisamos de definir o nosso lugar”, reconhece.

Na condição de director artístico, tem 26 obras escritas e encenadas. “Amor fatal”, a primeira obra exibida pelo grupo, tem um sabor muito especial para Flávio Ferrão.

O talento comprovado valeu-lhe vários prémios e reconhecimento em Luanda e fora do país. Em 2004, com a peça “Luanda meu enigma”, conquistou o Prémio de Teatro Cidade de Luanda, na categoria de melhor encenação. Um ano depois, ocupou o segundo lugar de melhor encenação e contribuiu o prémio de melhor actriz com a peça “Eu vi e vivi eles não eram loucos”.

Em 2008, desta vez com a peça “Côncavo e Convexo”, foi novamente vencedor do Prémio de Teatro Cidade de Luanda. Dois anos depois, conquista a segunda posição do mesmo prémio, com a peça “Minha gente... Temos o mesmo cheiro”.

Fora do país, à frente da direcção artística do colectivo de teatro Henrique Artes, ostenta a distinção de grupo revelação no Festival de Teatro de Língua Portuguesa (FESTLIP), realizado na cidade do Rio de Janeiro, Brasil. Corria o ano de 2012, quando juntou ao conjunto de reconhecimentos a atribuição do Certificado de Mérito pela divulgação da cultura angolana dentro e fora do país.



LUANDA E ARREDORES ALIMENTO MUITO PROCURADO

Na cidade e arredores é possível encontrar em cada esquina uma mulher com o fogareiro aceso a assar bombó, banana ou batata-doce acompanhado de jinguba torrada, destacando a importância que esses apetecíveis alimentos representam actualmente para os populares.



SATISFAÇÃO PREÇOS PRATICADOS AO ALCANCE DE DE TODOS

Os preços praticados ajustam-se ao bolso de qualquer um. Com apenas 500 kwanzas, o cliente pode desfrutar de uma boa quantidade de jinguba com bombó assado ou frito, batata-doce ou banana assada, suficiente para aguentar a jornada laboral. Tudo depende do gosto de cada um.

BOMBÓ COM JINGUBA

António Pimenta

jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Alimento ao alcance de qualquer bolso

Na cidade e musseques é possível encontrar em cada esquina uma senhora com o fogareiro aceso a assar bombo, banana ou batata-doce acompanhado de jingumba torrada

Depois de uma longa ausência dos mercados, o tradicional Bombo (frito ou assado) com jinguba regressou em grande às ruas de Luanda, sendo um dos alimentos mais consumidos na capital angolana. Vendido em pontos estratégicos da cidade, bombo com jinguba faz parte do dia-a-dia dos kaluandas. Na cidade e musseques é possível encontrar em cada esquina uma senhora com o fogareiro aceso a assar bombo, banana ou batata-doce acompanhado de jingumba torrada, exaltando a importância que esses apetecíveis alimentos representam actualmente para os cidadãos.

Os preços praticados se ajustam ao bolso de qualquer um. Com apenas 500 kwanzas o cidadão pode desfrutar de uma boa quantidade de jinguba com bombo assado ou frito, batata-doce ou então banana assada, suficiente para aguentar toda jornada laboral. Tudo depende do gosto de cada um.

Trabalhadora da clínica da Endiama há mais de 15 anos, Engrácia da Costa é apenas um exemplo de milhares de pessoas que se alimen-

tam quase todos os dias de bombo com jinguba. “É o alimento que está ao alcance do meu bolso”, justifica.

Segundo ela, o salário que auferir é insuficiente para pagar uma refeição num dos muitos restaurantes da Ilha de Luanda, onde fica localizado o seu posto de trabalho. Contrariamente ao que acontecia antigamente, hoje bombo com jinguba é a alternativa mais viável para quem, com a crise, perdeu o poder de compra. Hoje é consumido em todos estratos sociais.

“É com bombo com jinguba que conseguimos fazer face os efeitos da crise que afecta à todos”, afirma um funcionário da Sonangol.

O BOMBÓ NA DIETA ALIMENTAR DOS KALUANDAS

Suprimento alimentar consumido desde o tempo dos nossos antepassados, especialmente pelas classes mais desfavorecidas, bombo com jinguba representou em tempos idos uma das principais fontes de sustento das famílias.

“Muitos de nós, que hoje constituímos a classe dirigente deste país, crescemos a comer bombo com jinguba”, diz um deputado à Assembleia Nacional. Os ventos de mudanças registados depois da proclamação da Independência Nacional, refere o parlamentar, mudaram os hábitos alimentares e o modus vivendi dos Kaluandas.

“Depois da Independência, bombo

com jinguba perdeu a sua relevância social e cultural e passou a categoria de ‘kitutes da Banda’, para enfeitar as mesas em eventos realizados no país e no estrangeiro”, disse, acrescentando que actual crise “parece ter ajudado no resgate de algo que faz parte da nossa cultura”.

LOCAIS DE VENDA

As vendedoras de bombo com jinguba procuram zonas estratégicas, movimentadas e próximo de empresas para instalarem o seu negócio. Entre a cervejaria Biker e as torres Elysee existem duas senhoras que dedicam ao negócio. Uma instalou-se no interior da Biker e outra no espaço entre o antigo bar e as referidas torres.

Com histórias de vida semelhantes, as duas desempenham o papel de chefe de famílias. Uma é separada do marido, enquanto que a outra o seu companheiro é desempregado. Além delas, existem aquelas que são viúvas. Todas encontraram na venda de bombo com jinguba o seu meio de sustento. No negócio há mais de um ano, Maria Florinda, mãe de seis filhos, optou pela venda de bombo com jinguba depois de ter sido despedida da livraria Lello, onde trabalhou durante 16 anos.

“Depois de perder o emprego, fiquei sem ter como alimentar os meus filhos. O meu marido separou-se de mim e deixou-me com os filhos”, desabafou.

Com o empréstimo de 10 mil kwanzas, concedido o ano passado pela irmã, Florinda conseguiu dar um outro rumo a sua vida, reduzindo substancialmente o sofrimento a que estava sujeita.

Apesar de considerar pouco os rendimentos que obtém com o negócio, ela reconhece que já dá para sustentar a família. Diria-lhe que leva para casa entre dois a quatro mil kwanzas.

Na ressaca da última reportagem publicada no Jornal de Angola sobre a Biker, que deu origem a uma visita do Serviço de Fiscalização do Governo da Província de Luanda e a expulsão de todos os vendedores, Florinda quase recusava falar a nossa reportagem. Sorte melhor, não tivemos na Rua dos Mercadores, onde as vendedoras se recusaram falar a nossa reportagem utilizando os mais diversos argumentos.

Mas é na Ilha de Luanda, mesmo na ruela que dá para a Clínica da Endiama, onde o negócio parece atingir maior relevância, talvez por força da sua localização e o incessante movimento de pessoas na área. Domingas Manuel e Suzana Tchilipilica, com 42 e 45 anos de idade, res-

pectivamente, conseguem fazer diariamente entre 20 a 40 mil kwanzas.

Mas contrariamente ao que acontece com as demais, elas são uma espécie trabalhadoras agenciadas. Basicamente, elas trabalham para terceiros, que operam a partir dos mercados dos kwanzas e do 30, que fornecem os instrumentos de trabalho para posteriormente repartirem os rendimentos.

Suzana Tchilipilica recebe semanalmente o equivalente a 100 mil kwanzas em bombo, batata-doce, jinguba e banana pão, para serem comercializados e no fim de cada turno fazer as contas com “as patroas”.



**DANÇA E TEATRO
VOCAÇÃO PARA AS ARTES**

Integrado por duas salas administrativas, uma de produção, copa, hall e sanitários, o centro tem outro espaço com um palco para dança e teatro, o centro cultural Isoke, que é uma palavra de uma língua nacional nigeriana, que significa "presente de Deus", recebe crianças e adultos com vocação para as artes.



**INOCÊNCIO DE OLIVEIRA
SIMPLICIDADE E MAIS MATERIAL**

"A cerimónia de inauguração foi muito simples... Queremos atingir primeiro o nosso público. Estamos à espera de mais material, que deve chegar brevemente. Primeiro, convidamos as pessoas a conhecerem o local. Agora estamos a fazer as coisas acontecerem, foi preciso tomar essa iniciativa, para que os cépticos ficassem convencidos".



BAIRRO DA CUCA



**Centro cultural Isoke
domina atenções**

Matadi Makola

jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Aberto ao público desde a primeira semana de Junho passado, o centro cultural Isoke, localizada na Rua da Liberdade, no bairro Adriano Moreira, nas imediações da fábrica da Cuca, no Cazenga, recebe entre cinco a seis solicitações diárias.

Segundo o responsável do centro, o professor de dança e antropólogo Inocêncio de Oliveira, a inauguração da casa não teve uma pomposa cerimónia com corte de fita e champanhe. "Foi muito simples. Investimos mais numa publicidade local. Queremos atingir primeiro o nosso público", disse.

Nestes cinco meses de funcionamento, já recebeu grandes elogios da parte dos moradores. Voltado para a música clássica, violino e violão, formação em instrumentos musicais tradicionais, teatro e artes plásticas, o centro cultural também vai ministrar aulas de ballet, que será a grande novidade para os amantes da dan-



ARTE Meninos e meninas não desistem do sonho de serem bailarinos

ça, sobretudo para os moradores do modesto bairro. A longo prazo, pretende atingir o maior número de crianças das redondezas e, num prazo mínimo de dois anos, ter uma companhia local que represente várias disciplinas artísticas.

Integrado por duas salas administrativas, uma de produção, copa, hall e sanitários, o centro tem outro espaço com um palco para dança e teatro. Quanto à música, por enquanto só realiza aulas teóricas.

"Estamos à espera de mais material, que deve chegar brevemente. Primeiro, convidamos as pes-

soas a conhecerem o local. Agora estamos a fazer as coisas acontecerem", frisou Inocêncio de Oliveira, acrescentando que foi preciso tomar essa iniciativa, para que os cépticos ficassem convencidos que em determinados espaços da sua zona residencial possam ser lançados artistas com qualidade e competência, como nos centros da cidade.

Na sua agenda, está prevista a criação de uma oficina de trabalhos manuais, que deverá levar trimestralmente às escolas do I e II ciclos, para exposição, diversos produtos de olaria e artes plásticas.

PARCERIAS NA EUROPA

INOCÊNCIO DE OLIVEIRA enfatizou o facto de ter consciência que a comunidade enfrenta diversas carências, havendo muitas pessoas que não conseguem uma formação lúdica e pedagógica, mesmo quando o preço mínimo situa-se em três mil kwanzas mensais. Por essa razão, tentou obter uma parceria, no sentido de tornar as aulas gratuitas e, desta forma, colmatar as dificuldades materiais.

"Para se ter uma ideia, o preço de um vestido de ballet varia de acordo com o modelo, tamanho e tipo de tecido e ornamentos. O mais acessível custa cinco mil kwanzas, que em outros pontos está sempre acima dos dez mil kwanzas", explicou. O centro cultural Isoke está a comercializar um kit promocional com as cinco peças (saia, turbante, par de sapatilhas, fato de banho e meias) a um preço único de 18 mil kwanzas.

Noutras lojas, os preços são

elevados, onde só o par de sapatilhas chega a rondar 18 mil kwanzas. "O grande empecilho é mesmo o acesso aos produtos, porque os preços são exorbitantes. Mas queremos que os meninos e meninas da Cuca possam realizar também o sonho de serem, por exemplo, bailarinos", sublinhou.

Desejando que o centro seja autónomo, no sentido de produzir os adereços das suas produções, procurou firmar parcerias com duas fábricas de Espanha e África do Sul, que já são seus fornecedores. "Essa grande ajuda permite que fuçamos dos preços exorbitantes que se praticam na venda de material de ballet e dos roupeiros para as produções teatrais", destacou. O centro cultural Isoke, que segundo Inocêncio de Oliveira, é uma palavra de uma língua nacional nigeriana, que significa "presente de Deus", recebe crianças e adultos com vocação para as artes.

SEJA UM BOM CIDADÃO MANTER A CIDADE LIMPA É FIXE

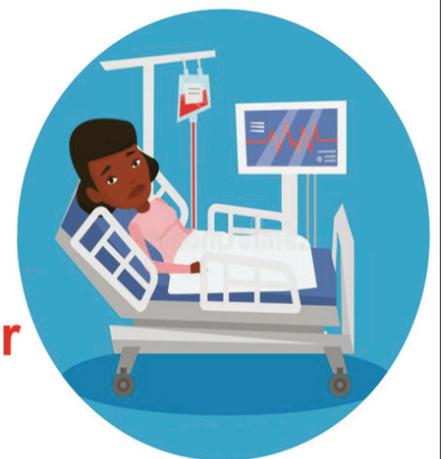
Não atire papéis, latas, garrafas, plásticos e outros objectos para o chão nem os deite fora pela janela das viaturas.



Deite o lixo sempre num contentor, dentro de um saco fechado.



O lixo que não é colocado no local correcto pode contribuir para disseminar muitas doenças, como paludismo, febre tifóide e diarreia



CONTRIBUA PARA FAZER DE LUANDA UM LUGAR MELHOR PARA SE VIVER.

elisal

Empresa de Limpeza e Saneamento de Luanda



FUTEBOL INFANTIL CAMPO 22 DE OUTUBRO

Além do Real Palanquinhas do Kilamba, entram em campo as equipas do Atlético Mineiro da Vila Flor, Futebol Clube Cacáti, Juventus do Cinco Fio, União de Deus do Santo António, Academia XK, Futebol Clube de Moura e o Futebol Clube Estrela do Futuro de Cacucaco.



DIALUNGANA VANGO TAREFA DE CUIDAR DO PATRIMÓNIO PÚBLICO

“Não havia iluminação e a vizinhança depositava o lixo no piso de jogos e área envolvente. Agora estamos a realizar trabalhos de limpeza do campo e outras melhorias. Sobre o reinício das obras não lhe sei adiantar ou precisar dados, porque está fora da minha competência”.

CAMPO MÁRIO SANTIAGO

DOMBELE BERNARDO | EDIÇÕES NOVEMBRO

Adalberto Ceita

jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Piso de jogo mal tratado, bancadas degradadas, cheiro nauseabundo proveniente dos balneários, espaços reservados a lojas transformados em lixeira e inexistência de portões, eis o retrato do Campo Mário Santiago.

João Dilangue, morador na rua 12 de Julho, no Sambizanga, não esconde a mágoa pelo estado em que se encontra a infra-estrutura. Visivelmente emocionado, recorda que o campo começou a ser construído em 1996 pela empresa Henrique Pereira, contando para o efeito com o patrocínio de pessoas singulares. Na época, as obras contemplavam a vedação do recinto, construção de balneários e uma sala de reuniões, que de facto veio a acontecer.

Anos depois, os moradores foram surpreendidos com o recomeço das obras, para a construção de bancadas, instalação de rede eléctrica e posterior arrelvamento.

“Havia perspectiva e indicações das autoridades administrativas do município quanto ao acabamento, mas o campo foi abandonado e chegou a ser transformado em depósito de lixo”, lamentou João Dilangue, confesso amante do futebol, inconformado com a situação actual.

Cardoso Junqueira, outro morador, garantiu que as obras encontram-se paralisadas há mais de dois anos. Além de declarar ter perdido a esperança de ver o projecto concluído, informou que antes da paralisação as obras estavam a cargo da construtora Mota-Engil, na sequência de um compromisso celebrado em 2016 com a FESA.

“Estávamos bastante ansiosos com o desfecho anunciado aquando do lançamento da primeira pedra que visava a modernização. Dizia-se que o espaço seria transformado num equipamento desportivo, que impulsionaria a requalificação do bairro”, disse Cardoso Junqueira, que tal como os demais habitantes viu as expectativas defraudadas.

Segundo apurou o *Luanda, Jornal Metropolitano* de fonte da Administração do distrito do Sambizanga, o nome do proprietário do Campo Mário Santiago e o motivo da paralisação das obras são desconhecidos. Uma corrente de opinião atribui a propriedade ao Ministério da Construção e Obras Públicas, e outra, à FESA. Entretanto, as autoridades do Sambizanga procuram resposta para essas questões.

“Estávamos bastante ansiosos com o desfecho anunciado aquando do lançamento da primeira pedra”

Obras de modernização estagnadas há dois anos

Anunciadas em Junho de 2016 pela Fundação Eduardo dos Santos (FESA), as obras de modernização do Campo Mário Santiago, localizado no Distrito Urbano do Sambizanga, estavam previstas para durar 18 meses. Na época, dizia-se que o espaço seria transformado num projecto desportivo, que impulsionaria a requalificação urbana do bairro Sambizanga. Decorridos mais de dois anos, o mesmo continua por concluir



MUDANÇA DE RUMO

Dialungana Vango, actual administrador do Campo Mário Santiago, nomeado em Agosto último pelo administrador do Sambizanga, António Fiel “Didi”, revelou que o recinto esteve durante meses votado ao abandono.

“Durante este período, não havia iluminação e a vizinhança depositava o lixo no piso de jogos e área envolvente. Agora estamos a realizar trabalhos de limpeza do campo e outras melhorias”, disse.

Dialungana Vango, que não adiantou mais pormenores, afirmou que recebeu a missão de cuidar do recinto, por se tratar de um património público que até há pouco tempo estava a ser vandalizado.

“Sobre o reinício das obras não lhe sei adiantar ou precisar dados, porque está fora da minha competência”, disse. O espaço já tem as portas abertas à prática de exercício físico.

“TRUMUNUS” ANIMAM ANIVERSÁRIO DOS PALANQUINHAS

QUATRO PARTIDAS de futebol de carácter amistoso, na categoria infanto-juvenil, vão ser disputadas no dia 3 de Novembro entre as 7 e 17 horas no Campo 22 de Outubro, localizado entre o projecto habitacional KK5000 e a Cidade do Kilamba.

Diplas João, treinador de futebol e um dos mentores da iniciativa, disse que os jogos visam assinalar o primeiro aniversário da Escola de Futebol Real Palanquinhas do Kilamba.

“No mesmo dia, está prevista a realização de quatro jogos, envolvendo equipas do escalão infanto-juvenil de três municípios da província. Cada um terá a duração de 50 minutos”, informou.

O também mentor do Real Palanquinhas do Kilamba referiu que estão criadas as condições necessárias à realização dos jogos. No entanto, disse que a organização está receptiva a even-

tuais apoios ou patrocínios. O Real Palanquinhas do Kilamba acarreta muitas despesas, frisou, mas “existe a pretensão que seja um viveiro de talentos”.

Diplas João disse que a expectativa é alta e convidou os amantes do desporto, em geral, e do futebol, em particular, a marcarem presença nos jogos.

“Pedimos a máxima compreensão das equipas que habitualmente jogam no Campo 22 de Outubro, para que disponibilizem o recinto principal de jogos”, apelou.

Além do Real Palanquinhas do Kilamba, entram em campo as equipas do Atlético Mineiro da Vila Flor, Futebol Clube Cacáti, Juventus do Cinco Fio, União de Deus do Santo António, Academia XK, Futebol Clube de Moura e o Futebol Clube Estrela do Futuro de Cacucaco.



“O comércio na feira do “Luvo” é exercido à margem da lei e a Administração do Distrito Urbano do Morro dos Veados vai encerrar o espaço. Trata-se de uma actividade ilegal”

MADALENA GASPAR

Administradora do Morro dos Veados

ESTALAGEM ASSISTÊNCIA GRATUITA

Cerca de 300 mulheres idosas e viúvas do bairro KM-12, distrito da Estalagem, beneficiaram de assistência médica gratuita, uma iniciativa do Grupo Associativo Médicos em Potência (Gampo), composto por estudantes de Medicina da Universidade Privada de Angola.



REDE VIÁRIA RENOVADA

Trânsito mais fluído na Baixa da cidade

Na última sexta-feira, o vice-governador, José Paulo Kai, andou pelas ruas renovadas, bem como aquelas que ainda merecem uma especial atenção e verificou o grau de execução

AS RUAS Samuel Bernardo, da Alfândega, Comandante Veneno, Marien Ngouabi (no cruzamento com a João Seca) e Major Kanhangulo, todas no município de Luanda, foram reabertas à circulação automóvel, depois de terem sido encerradas para trabalhos de manutenção.

Na última sexta-feira, o vice-governador de Luanda para os Serviços Técnicos e Infra-estruturas, José Paulo Kai, verificou a execução das obras em curso em algumas vias rodoviárias dos municípios de Luanda, Cazenga e Kilamba Kiaxi. O gestor, que se fez acompanhar por técnicos do seu gabinete, administradores e dos empreiteiros, andou pelas ruas renovadas, bem como aquelas que ainda merecem uma especial atenção.

Nos municípios do Cazenga e Kilamba Kiaxi, onde as obras exigem maior trabalho de engenharia, constatou um ligeiro atraso.

Paulo Kai deixou orientações aos empreiteiros e aos administradores que acompanham os trabalhos, no sentido de não permitirem margens de erro na execução.

A rua 28 de Agosto, no Kilamba

Kiaxi, por exemplo, também está em obras, o que levou ao encerramento do troço entre a esquadra policial na avenida Pedro de Castro Van-Dúnem até ao mercado da zona 14, enquanto a rua Ana Paula encontra-se intransitável desde a intercessão com a avenida Pedro de Castro Van-Dúnem até às imediações da escola com o mesmo nome.

Para além da pavimentação, iluminação pública, rede de telecomunicações e limpeza de colectores, a reabilitação inclui a sinalização vertical e horizontal, bem como a plantação de árvores.

A reabilitação destas vias está a cargo da empresa portuguesa Mota Engil e a fiscalização é da responsabilidade da Dar.

Denominado Mota-Engil-III, o programa de reabilitação contempla a via que liga o Aeroporto 4 de Fevereiro à Av. Pedro de Castro Van-Dúnem Loy, passando pelas ruas Ngola Mbandi e 28 de Agosto (Avó Kumbi), a estrada Kimbango-Calemba-2, e parte da Quinta Avenida no Cazenga, de modo a desafogar o trânsito e dar aos automobilistas maior leque de opções para a sua mobilidade.

EDIÇÕES NOVEMBRO



REABILITAÇÃO Vice-governador constatou obras em infra-estruturas

Resenha da Semana

CANCRO DE MAMA

MULHERES ADEREM ÀS CONSULTAS GRATUITAS

Pelo menos 500 mulheres residentes na Arena do Bairro Imbondeiro, Distrito Urbano do Rocha Pinto, em Luanda, beneficiaram na sexta-feira de consultas gratuitas, bem como de um “kit” com materiais informativos relacionados com sintomas, prevenção e desenvolvimento do cancro da mama. Enquadrada nas actividades do “Outubro Rosa”, mês dedicado a luta contra o cancro da mama, a campanha foi promovida pela construtora Carmon Reestrutura, no âmbito das suas acções de responsabilidade social. Mariana Francisco, administradora do Rocha Pinto, mostrou-se satisfeita pelo facto de a empresa Carmon Reestrutura ter escolhido a sua área para a realização da acção e encorajou as munícipes a dedicarem-se mais à prática de exercícios físicos e efectuarem o rastreio permanente para detecção precoce do cancro da mama.

ORDEM PÚBLICA

POLÍCIA PREPARA OPERAÇÃO “RESGATE” PARA NOVEMBRO

A Polícia Nacional vai realizar, em todo o país, a partir de Novembro, uma operação com o nome de “Resgate”, que visa reforçar a ordem e a tranquilidade públicas, ordenar a venda ambulante, travar o comércio ilegal de acessórios e outros males que afectam a segurança pública, sobretudo na província de Luanda. O anúncio foi feito, na semana passada, pelo director do Gabinete de Comunicação Institucional e Imprensa do Comando Geral da Polícia Nacional, que explicou ser também objectivo da operação “Resgate” repor valores que se foram perdendo nos últimos anos. O comissário Orlando Bernardo avançou que a operação da Polícia Nacional vai contar com a participação de outros órgãos operativos do Ministério do Interior, como o Serviço de Migração e Estrangeiros, os governos provinciais e as administrações municipais, comunais e distritais.

COMUNA DA FUNDA

CHUVA PROVOCA DESABAMENTO DO TECTO DA ADMINISTRAÇÃO

A chuva que caiu em Luanda, nos últimos dias, causou a inundação de algumas ruas e o desabamento parcial do tecto da varanda da Administração Comunal da Funda, município de Cacucaco. O governador de Luanda, Adriano Mendes de Carvalho, que esteve no local, comprometeu-se em enviar à comuna da Funda uma equipa técnica para avaliar os custos para a reparação da parte do tecto da administração comunal destruído pela chuva. O governador de Luanda esteve também no Centro Materno Infantil da Funda que apresenta um avançado estado de degradação e fissuras, tendo orientando os técnicos que façam uma avaliação sobre os custos da reabilitação da instituição. A comuna da Funda é uma região com uma extensão de 256 quilómetros quadrados, com um clima tropical seco, e tem aproximadamente 88.500 habitantes, cuja actividade principal consiste na agricultura e pesca artesanal.

Por fim...

ANTÓNIO PIMENTA
Sub-Editor



FISCALIZAÇÃO VS IMPUNIDADE

Fiscalização é a acção e o efeito de fiscalizar. Também se pode entender como o controlo, ou a auditoria e a verificação das acções ou das obras de alguém, ou o cumprimento do ofício de fiscal/auditor. Indo um pouco mais além, podemos encontrar nesta palavra 12 sinónimos que configuram um mesmo significado. Controlo, examinação, inspecção e vistoria representam apenas alguns destes sinónimos, que apesar de constarem no nosso léxico, dada a impunidade que grassa entre nós, seria melhor pensar que não existem. O manancial de irregularidades que se assiste de um tempo a esta parte, de forma impune, evidencia uma certa ausência de fiscalização em Luanda. Ou melhor, o Estado parece ter-se ilibado das suas responsabilidades de defensor primário do cidadão. Conceituados estudiosos em matéria de Direito, defendem que a efectivação dos direitos fundamentais do cidadão tem uma íntima ligação com a preservação da dignidade humana e a sua banalização, ou desprezo, é tida em alguns círculos como um dos principais problemas que abalam a nossa sociedade. Jardins foram transformados em ginásios, restaurantes e boutiques, enquanto que arruamentos públicos se transformaram em espaços de negócios privados, sem qualquer benefício para o Estado. Nas vias públicas, as vedações ocupam os passeios, também utilizados para a ampliação de edifícios. Parafrazeando um amigo, a impunidade instalou-se na nossa urbe, tornando-a “uma verdadeira casa da mãe Joana”, onde cada um faz o que lhe apetece e bem lhe dá na gana, sem que alguém faça alguma coisa para o contrariar. Ao contrário do que acontece noutros países, em Angola o Estado fiscaliza as suas próprias actividades, tornando muito difícil, às vezes, discernir até onde vão as prerrogativas da fiscalização, para além do reboque das viaturas e a perseguição às zungueiras. Esperamos que, com a “Operação Resgate”, seja reposta a ordem e, de facto, o resgate dos nossos valores, impedindo que obras anárquicas continuem a ser realizadas sem o cumprimento escrupuloso das leis.